

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/MESTRADO**

**Danyelle Vallin Stropa**

**CARTAS DE MARCELINO CHAMPAGNAT: A ORGANIZAÇÃO DE  
ESCOLAS E O ENSINO DE CRIANÇAS E JOVENS (1823-1840)**

**Curitiba  
2020**

**Danyelle Vallin Stropa**

**CARTAS DE MARCELINO CHAMPAGNAT: A ORGANIZAÇÃO DE  
ESCOLAS E O ENSINO DE CRIANÇAS E JOVENS (1823-1840)**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação (Mestrado) da Pontifícia  
Universidade Católica do Paraná –  
Linha de pesquisa História e Políticas  
da Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Alboni  
Marisa Dudeque Pianovski Vieira

**Curitiba  
2020**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9/1636

S924c Stropa, Danyelle Vallin  
2020 Cartas de Marcelino Champagnat : a organização de escolas e o ensino de  
de crianças e jovens (1823-1840) / Danyelle Vallin Stropa ; orientadora, Alboni  
Marisa Dudeque Pianovski Vieira. -- 2020  
92 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2020.  
Bibliografia: f. 82-92

1. Educação – História. 2. Escolas – Organização e Administração. 3.  
Educação de crianças. 4. Champagnat, Marcelino José Bento, Santo, 1789-1840 –  
Correspondência. 5. Irmãos Maristas. I. Vieira, Alboni Marisa Dudeque Pianovski.  
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação  
em Educação. III. Título

CDD 20. ed. – 370.9

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 889  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

**Danyelle Vallin Stropa**

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, reuniu-se às 16h, na Sala 1 (Pós) 2.º Andar, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelas professoras: Prof.ª Dr.ª Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira, Prof.ª Dr.ª Wilma de Lara Bueno, Prof.ª Dr.ª Sirley Terezinha Filipak para examinar a Dissertação da mestranda **Danyelle Vallin Stropa**, ano de ingresso 2018, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa “História e Políticas da Educação”. A aluna apresentou a dissertação intitulada “**CARTAS DE MARCELINO CHAMPAGNAT: A ORGANIZAÇÃO DE ESCOLAS E O ENSINO DE CRIANÇAS E JOVENS (1823 - 1840)**” que, após a defesa foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17h30. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: A Banca recomenda que as sugestões apresentadas sejam observadas e, posteriormente, que o trabalho seja publicado em livro.

Presidente:

Prof.ª Dr.ª Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira Amelieira

Convidado Externo:

Prof.ª Dr.ª Wilma de Lara Bueno W. de Lara Bueno

Convidado Interno:

Prof.ª Dr.ª Sirley Terezinha Filipak Sirley Terezinha Filipak

Torres

**Prof.ª Dr.ª Patrícia Lupion Torres**

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação  
*Stricto Sensu*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me dispor de saúde.

A todos meus familiares e amigos, por me ajudarem a superar mais um desafio de escrever esse trabalho.

Aos meus filhos, que sempre foram meu incentivo para continuar estudando.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira, por me ajudar com as leituras, as correções e os conselhos durante todo processo.

## RESUMO

Este trabalho se insere na linha de pesquisa História e Políticas da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Políticas da Educação da Universidade Católica do Paraná – PUCPR e se propôs a analisar cartas escritas por Marcelino Champagnat, na França do século XIX, que eram utilizadas para comunicar-se com os Irmãos Maristas e outros sujeitos, com intenção de seguir a missão de educar, a exemplo do que ocorria com os integrantes de outras ordens religiosas. Nesse contexto, a prática cultural da escrita de cartas, relacionando pessoas, locais, datas e comunicados importantes para o desenvolvimento do instituto, é considerada como registro, ou seja, como documento histórico. Partindo dessas considerações, as cartas foram o único meio de comunicação da época para a expansão do Instituto, com a abertura de novas escolas. Nesse sentido, o trabalho tem por objetivo geral analisar as instruções presentes nas cartas de Marcelino Champagnat, escritas entre 1823 e 1840, no que diz respeito ao ensino de crianças, jovens e irmãos e à organização de escolas. Justifica-se o ineditismo da pesquisa, cuja delimitação enquanto temática busca entender em que medida esses escritos poderiam ter influenciado na criação e na formação de escolas maristas presentes na comunidade, sendo que não houve trabalho com esse enfoque e com a utilização das cartas. Tem, como objetivos específicos, discorrer sobre a vida e a obra de Marcelino Champagnat, no contexto da França no século XIX; contextualizar os principais argumentos presentes nas epístolas de Marcelino Champagnat que foram determinantes para o ensino de crianças, jovens e irmãos; e identificar as instruções presentes nas cartas de Marcelino Champagnat, escritas entre 1823 e 1840, no que diz respeito à organização de escolas. A metodologia da pesquisa é de caráter bibliográfico e documental. Os autores que deram apoio teórico e metodológico ao estudo foram Bastos, Cunha e Mignot (2002), Gomes (2004), Camargo (2000), Martins (2011), Cunha (2013) e Malatian (2015), dentre outros. Os documentos analisados são as cartas de Marcelino Champagnat, escritas no período de 01/12/1823 a 14/03/1840. Os resultados da pesquisa mostram o quanto a pedagogia de Marcelino Champagnat atendeu as demandas por escolas que priorizam um ensino de qualidade, humanitário e voltado para as necessidades de crianças, jovens e irmãos.

**Palavras-chave:** História da Educação. Cartas. Marcelino Champagnat. Organização de escolas. Educação de crianças, jovens e irmãos.

## ABSTRACT

This work is part of History and Policies of Education research line, of the Pontifical Catholic University of Paraná Postgraduate Program in Education - PUCPR and it is supposed to analyze letters written by Marcelino Champagnat, in France in the 19th century, which were used to communicate with the Marist Brothers and other people, with the intention of following the education mission, as it was the case with members of other religious orders. In this context, the cultural practice of letter writing, relating people, places, dates and important communications for the institute development, is considered as a bibliographic record, in other words, as a historical document. Based on these considerations, the letters were the only mean of communication at the time for the Institute expansion, with the opening of new schools. In this way, the work has the general objective of analyzing the instructions in the Marcelino Champagnat's letters, written between 1823 and 1840, regarding to the teaching of children, young people and Brothers and the schools organization. The originality of the research is justified, whose delimitation as a theme intends to understand the extent to which these writings could have influenced the creation and formation of Marist schools present in the community, since there was no work with this approach and with the use of the letters. The work has, as specific objectives, to discourse Marcelino Champagnat's life and work, in the context of France in the 19th century; to contextualize the main arguments present in Marcellin Champagnat's epistles that were decisive for the children, young people and Brothers education; to identify the instructions present in the Marcelino Champagnat's letters, written between 1823 and 1840, regarding to the schools organization. The research methodology has a bibliographic and documentary nature. The authors who provided theoretical and methodological support to the study were Bastos, Cunha and Mignot (2002), Gomes (2004), Camargo (2000), Martins (2011), Cunha (2013) and Malatian (2015), among others. The documents analyzed are the Marcelino Champagnat's letters, written between December 1<sup>st</sup>, 1823 and March 14<sup>th</sup>, 1840. The research results show how much Marcelino Champagnat's pedagogy met the demands for schools that prioritize quality, humanitarian education and geared to the children, youth and Brothers needs.

**Keywords:** Education history. Letters. Marcelino Champagnat. Schools organization. Children, youth and Brothers education.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 - Pesquisa de teses e dissertações no banco de dados da BDTD..... | 13 |
| Quadro 2 – Relação de cartas por Marcelino Champagnat.....                 | 17 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 8  |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 8  |
| <b>1 VIDA E OBRA DE MARCELINO CHAMPAGNAT NO CONTEXTO HISTÓRICO DA FRANÇA, NOS SÉCULOS XVIII E XIX</b> .....          | 19 |
| 1.2 As origens familiares de Marcelino Champagnat.....   | 27 |
| 1.3 A ida para o seminário.....  | 30 |
| 1.4 A criação do Instituto Marista .....   | 33 |
| <b>2 INSTRUÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS, JOVENS E IRMÃOS (1823 A 1840)</b> .....                                | 37 |
| 2.1 Instrução e educação de irmãos.....  | 41 |
| 2.2 As instruções destinadas aos professores.....  | 48 |
| 2.3 As instruções com foco na educação de crianças e jovens.....   | 50 |
| <b>3 ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS E EXPANSÃO DO INSTITUTO: ARGUMENTOS DETERMINANTES PARA NOVAS CRIAÇÕES</b> .....         | 57 |
| 3.1 Abertura das primeiras escolas.....  | 62 |
| 3.2 A expansão: argumentos determinantes na abertura de novas escolas .....  | 64 |
| 3.2.1 Condições das escolas estruturais e organizacionais: infraestrutura .....                                      | 65 |
| 3.2.3 Condições das escolas estruturais e organizacionais: indicações e busca por parcerias .....                    | 70 |
| 3.2.4 Condições das escolas estruturais e organizacionais: custo por aluno e autorização de funcionamento.....       | 71 |
| 3.2.5 Condições das escolas estruturais e organizacionais: acompanhamento e avaliação dos processos das escolas..... | 76 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 79 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 82 |
| <b>CARTAS CITADAS:</b> .....   | 86 |

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada “Cartas de Marcelino Champagnat: o ensino de crianças, jovens e irmãos e a organização de escolas (1823 -1840)”, tem como objetivo analisar as cartas escritas por Marcelino Champagnat no período de 1823 a 1840. Vale destacar que o recorte no tempo escolhido é um marco histórico no que se refere à circulação das 339 cartas. O estudo em questão integra-se no projeto de pesquisa “História, Memória e Formação de Professores”, na linha de pesquisa História e Políticas da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Pretende-se, ao longo da investigação, analisar as cartas recebidas e enviadas por Marcelino Champagnat para prefeitos, autoridades e funcionários públicos, benfeitores, pessoas diversas, irmãos no individual e no coletivo (circulares), párocos, sacerdotes, bispos, no que diz respeito à organização das escolas e às instruções para os irmãos.

Vale frisar que foi utilizada como base teórica a história cultural, no sentido que lhe atribui Falcon (2006). Para ele, a história cultural é compreendida tanto nos aspectos da cultura intelectual quanto nos da cultura material e em seu relacionamento no cotidiano de diferentes classes, inserida em contextos de grupos sociais, em um estudo do passado.

Nesse sentido, entender a história cultural possibilitará estabelecer conexões dialógicas entre o objeto, a análise e as relações existentes. Burke (1991) chama atenção para a possibilidade, no contexto de análises que podem ser construídas a partir da diversidade de olhares, de que o estudo com as fontes nos permite. Assim, podemos considerar que aferições elucubradas do objeto estão diretamente ligadas a elementos inculturadores<sup>1</sup> constituídos na formação do sujeito pesquisador. São eles: Dignidade Humana; Educação Emancipatória; Espiritualidade; Alteridade; Solidariedade Socioambiental; Catequese; Infância e Juventudes; Valores Maristas. Segundo Cunha, (2013, p. 246) “quando se

---

<sup>1</sup> Define-se a um conjunto de componentes interdependentes (que podem ser interpretados como conceitos-chave, espaços, temas ou dimensões) que julgamos ser prioritários para a dinamização da ação evangelizadora na cultura atual. Para a Pastoral do Grupo Marista, os Elementos Inculturadores favorecem o diálogo entre os princípios e valores do Evangelho com as culturas contemporâneas, sustentando um processo de evangelização historicamente contextualizado. Grupo Marista - Diretrizes da Ação Evangelizadora, FTD, 2014.

escreve uma realidade nem sempre se descreve como foi, mas, sim, vivida e lembrada por quem viveu”.

Desta forma, o trabalho com as cartas, na abordagem da história cultural, possibilita um mergulho no tempo e no espaço, utilizando como ponto de partida a identificação dos conteúdos em seu interior, avançando para uma compreensão a partir dos olhares escritor/pesquisador acerca dos movimentos políticos, culturais, econômicos e sociais da época.

Cunha (2013) entende que uma investigação utilizando cartas permite adentrar um mundo de narrativas em que é possível, entre tantas coisas, encontrarem-se temas que são recorrentes nesses escritos, como viagens, clima, alimentação e posse de novos estabelecimentos. Para Cellard (2008),

O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

É importante considerar que as produções das cartas possuem estruturas de texto, aspecto marcante de sua característica de produção original ocorrida há um tempo relativamente distante. Conforme explana Camargo (2000), a carta é entendida como

[...] objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar, nas formas, nas letras e nas múltiplas combinações desses elementos; materialidade que também pode ser um conjunto de folhas avulsas ou conjuntamente dispostas quando impressas num livro (CAMARGO, 2000, p. 205).

No contexto da carta como ferramenta de comunicação, é relevante destacar que a mola propulsora de sua existência acontece, segundo Bastos, Cunha e Mignot (2002), mediada por certas circunstâncias relacionadas à necessidade de se corresponder e manter contato com outra pessoa ou instituição, das quais se encontra distante e/ou ausente.

Para Martins (2011),

As cartas eram utilizadas como fontes documentais do 'real', como 'prova' de fundamentação hipotética. Em muitos casos a carta pode fornecer algumas informações que faltavam na tessitura do passado, em outros, ela não teria o poder de revelar 'verdades ocultas' por trás

do véu das aparências, por pertencer ao campo do imaginário, do discurso, da subjetividade (MARTINS, 2011, p. 5).

Nos escritos das cartas de Marcelino Champagnat é possível encontrar textos repletos de sentimentos, desejos, ensinamentos, solicitações, reivindicações e desabafos, sendo assim reconhecidas suas cartas pelo Instituto Marista como um documento com afeto<sup>2</sup>.

De acordo com Furet (1999), Marcelino Champagnat escreve várias cartas a irmãos e pessoas diversas, mantendo contato e direcionando o andamento das escolas. São épocas muito difíceis, pois Champagnat está com sua saúde bastante debilitada, o que não lhe permite sair para viagens. Sendo assim, as cartas são a maneira mais viável de se comunicar com os irmãos e orientá-los. No decorrer de suas cartas, além dos ensinamentos, consegue expressar todo o carinho e o cuidado que tem pelos irmãos, firmes na missão de educar, que continuam os trabalhos, em especial os de levar educação às crianças e aos jovens sem condições de estudar e que, oportunamente, fazem-no, graças aos irmãos maristas.

A pesquisa é de caráter bibliográfico e documental, com abordagem qualitativa, e conta com apoio teórico e metodológico de autores como Bastos, Cunha e Mignot (2002), Gomes (2004), Camargo (2000), Martins (2011), Cunha (2013) e Malatian (2015), dentre outros.

Justifica-se o interesse pela pesquisa mediante minha trajetória profissional, com seis anos dedicados ao trabalho com crianças e jovens no Instituto Marista. Desde o início, fui tomada pelo encantamento de uma missão que estabelece relação de educação pelo amor e com amor, além da opção por trabalhar com as comunidades menos favorecidas. Essa experiência provocou o desejo de aprofundar o conhecimento acerca do surgimento do instituto, e, à medida que eu o conhecia, mais tinha vontade de investigar e saber sobre a sua história e, principalmente, a de seu fundador.

Em 2014, surge a oportunidade de participar do curso L'Hermitage, uma formação de aprofundamento do Instituto e, na ementa do curso, um dos temas abordados se referia à importância dos registros deixados por Marcelino

---

<sup>2</sup> A proposta educativa Marista se refere a uma prática pedagógica ancorada no amor. Entende-se que a relação afetiva estabelecida no aprender contribui significativamente na intensidade e disponibilidade em estabelecer conexões com o conhecimento. Assim, o afeto assume uma dimensão da Educação Integral na experiência entre o sujeito e o conhecimento por intermédio do educador/mediador, tornando-se materialidade na missão de que para "bem educar é necessário amar". (MISSÃO..., 2003, p. 49)

Champagnat, um compilado de cartas que traz em seu bojo questões elementares para a expansão e a consolidação do Instituto Marista no mundo, pautado em seus princípios e valores.

O contato com as cartas provocou um desejo tanto movido pela curiosidade em relação ao conteúdo delas, como também por serem instrumentos materiais, dotados de cultura expressa por meio de práticas sociais de um tempo histórico, com características singulares, que ocupou um lugar importante como ferramenta de comunicação por séculos, no campo educacional. Para Malatian (2015, p. 11), as cartas constituem um gênero utilizado desde a antiguidade e passam a ser usadas na formação dos jovens, no âmbito educacional, como referência de uma escrita subjetiva, estabelecendo um diálogo.

A obra de Marcelino Champagnat é exemplo vivo de uma proposta pedagógica que possui pilares em uma educação humanizadora, que tem se reinventado ao longo da história sem perder sua essência, constituindo um legado de mais de 200 anos atuando na educação.

No cenário atual, pensar em uma educação que extrapola as barreiras da proficiência e compreende o sujeito nas suas múltiplas dimensões espiritual, afetiva, cognitiva, social, motora e tantas outras que têm, na sua essência, o foco na formação humana, dialoga com os ideais de Champagnat. Ele foi e continua sendo exemplo de ser humano, sujeito preocupado com seu semelhante e com o bem comum para os menos favorecidos, tornando assim a opção do Instituto, trabalhar com os empobrecidos, e tendo como lema a frase “para bem educar, é necessário amar”. (MISSÃO..., 2003, p. 49).

Seguindo a opção por trabalhar com fontes, Viñao-Frago (1995) nos ajuda a compreender que tal trabalho é fruto de memórias e consiste em estabelecer relações com um lugar que se conecta com o mundo das emoções, dos sentimentos e do imaginário, atribuindo, aos registros, significados para o escritor, por meio de suas narrativas.

Complementando a perspectiva de atuar sobre o passado histórico e aferir-lo a partir de uma análise de fontes, Certeau (1982) metaforicamente diz que propiciamos um ressuscitar dos mortos e afirma que o pesquisador, por meio do seu olhar, das suas vivências, dá vida às fontes e as interpreta do seu ponto de vista.

O recuo no tempo e o estabelecimento de relações do período das cartas com o cenário educacional vivido podem elucidar pistas para entender as convergências e divergências dos ideais dos irmãos maristas quanto ao exercício do ofício de educar, haja vista que, em grande medida, os irmãos atuam em todos os setores dentro da escola.

A busca pelas cartas escritas por Marcelino Champagnat foi realizada na Biblioteca do Memorial Marista, onde é possível vivenciar, por meio de visitação orientada, a trajetória da vida de Marcelino Champagnat e do Instituto Marista, a respeito das questões religiosa e educacional que constituem a instituição e traduzem a concepção da educação Marista. Essa Biblioteca conta com um acervo de cartas escritas de próprio punho por Marcelino Champagnat e preservadas em um registro histórico. As 339 cartas também podem ser acessadas por uma cópia digitalizada e impressa, via internet, no site <http://www.champagnat.org>. Essas cartas estão traduzidas em quatro idiomas: inglês, espanhol, português e francês, disponíveis para acesso livre.

Para mapear o estado do conhecimento sobre o tema pretendido, de acordo com os descritores dispostos no Quadro 1, realizamos uma busca e levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

**Quadro 1** - Pesquisa de teses e dissertações no banco de dados da BDTD

| DESCRITORES                   | INSTITUIÇÕES                  | ÁREAS  | DISSERTAÇÕES | TESES |
|-------------------------------|-------------------------------|--|--------------|-------|
| Cartas + Marcelino Champagnat | Nenhum resultado              |  | 0            | 0     |
| Marcelino Champagnat          | UTFE                          | 1.Enfermagem;<br>2.Medicina.                 | 3            | 0     |
|                               | PUCRS                         | 1.Psicologia;<br>1.Educação;<br>1. História. | 4            | 0     |
|                               | UFRRJ                         | 1.Agronomia.                                 | 1            | 0     |
| Educação + Colégios Maristas: | UTP                           | 1.Ciências Humanas><br>Educação;             | 1            | 0     |
|                               | UNICAMP                       | 1.Linguística Aplicada                       | 0            | 1     |
| Epistolografia:               | UFSC                          | 1.História;                                  | 1            | 0     |
|                               | UCS                           | 1.História                                   | 1            |       |
|                               | USP                           | 1.Letras.                                    | 1            |       |
| Estudo de Cartas + Educação   | UNISAMTOS                     | 1.Ciências Humanas><br>Educação;             | 0            | 1     |
|                               | FFCH                          | 1.Linguística, Letras e Artes;               | 0            | 1     |
|                               | UERJ                          | 1.Filosofia                                  | 1            | 0     |
| Total: 16                     | <b>Resultados da pesquisa</b> |  | 13           | 3     |

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES, 2018.

Na pesquisa realizada na BDTD, a partir do assunto Cartas + Marcelino Champagnat, nenhum trabalho é encontrado. Com o descritor Marcelino Champagnat, há oito dissertações. Já no descritor Educação + Colégio Marista, encontra-se uma dissertação e uma tese. No que diz respeito ao descritor epistolografia, encontram-se três dissertações. E no último descritor, que trata do Estudo de Cartas, existem duas teses e uma dissertação, num total de dezesseis trabalhos encontrados a partir dos cinco descritores propostos. Por meio dos trabalhos pesquisados, cinco requereram atenção, por disporem de elementos que podem auxiliar e aprofundar a pesquisa.

Vale salientar que, em relação ao primeiro descritor, não se encontra nenhum trabalho que analise Cartas + Marcelino Champagnat. Quanto ao segundo descritor Marcelino Champagnat, para o qual foram encontrados oito trabalhos, verifica-se que não se relacionam propriamente à pesquisa pretendida. No que se refere ao terceiro descritor – Educação + Escolas Maristas, encontra-se uma dissertação e uma tese. Entre as duas, escolhemos “Diálogos com mnemósine: memórias das práticas educativas no Colégio Marista Santa Maria – 1969/1976”, trabalho de dissertação de Pereira, orientado por Vechia (2012), com o objetivo de historiar os costumes educativos no Ginásio Marista Santa Maria (GMSM), do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, em Curitiba, entre 1969 e 1976. Com a ideia de formar o Projeto Cultural Marista de fazer bons cristãos e virtuosas pessoas, articula-se com a restauração da pedagogia realizada nesse tempo de governo militar, instaurado no Brasil em 1964, tendo como conclusão a correlação entre as orientações legais e o projeto educacional marista. O GMSM segue as orientações legais, porém incorpora novos conceitos de ensinamento e considerações teológicas, redimensionando suas práxis educativas, que acabam por renovar seu projeto de orientar “bons cristãos” e virtuosos cidadãos.

No quarto descritor – Estudo de Cartas + Educação, encontram-se as seguintes dissertações: “No vai e vem das cartas”, tendo como autora Conceição e orientado por Flores (2006). O progresso do estudo é indicado como instrumento empírico, um grupo de cartas, da segunda metade do século XVIII, que envolve o triângulo administrativo: Portugal (capital), Rio de Janeiro (matriz do vice-reino) e a ilha de Santa Catarina, em 1777. Como entendimento, as análises desenvolvidas nessa dissertação procuram compreender a arte de mandar, por meio do hábito de missivas, levando-se em

consideração o empenho das redes de subjetividades partilhadas pela parceria da corte lusa, com seu código de selo, no composto das cartas.

Ainda com o descritor Cartas + Educação, há também a tese “Os museus escolares na primeira metade do século XX: sua importância na educação brasileira”, com a autoria de Poggiani, orientada por Pereira (2011). Essa tese tem como objetivo saber o papel desempenhado pelos museus escolares, instituições auxiliares da instrução, na modernização do ensino brasileiro e introdutório da experiência concreta das crianças. O estudo avalia essas instituições no tempo fugaz entre o ensinamento clássico e a modernização educativa, por meio da obra desses museus. As viagens de pesquisa e de educadores têm experiências bem-sucedidas na formação das novas gerações de estudantes. Essa pesquisa nos trouxe aspectos importantes no estudo com cartas, principalmente quanto às referências.

Posteriormente, com o quinto e último descritor, sente-se a necessidade de fontes que estudem cartas. Desse modo, buscamos apoio na tese de Santos, orientada por Fávero (2018), intitulada “A educação jesuítica nas cartas de Anchieta – ensino da leitura e da escrita no Brasil do século XVI”. A pesquisa conta com as cartas dos jesuítas para analisar o começo da pedagogia no Brasil. Conclui-se que a pedagogia formada pelos jesuítas, especialmente no Brasil no século XVI, embora deva ser um dos desdobramentos da cultura portuguesa, apresenta muitas diferenças em relação à metrópole. E na dissertação de Albuquerque, orientada por Aras (2013), “Entre cartas e memórias: preceptoras europeias no Brasil do século XIX”, a pesquisa trata da figura de preceptoras europeias entre as famílias brasileiras, em 1870, investigando indícios perscrutados, capa, em escritos íntimos, como cartas, textos de recordações de autobiografias. O entendimento a que se chega, no decorrer dos cinco capítulos desta tese, converge para uma certeza: as preceptoras representaram um fundamental elo entre o mundo mencionado civilizado (o europeu) e o mundo por civilizar (o brasileiro), sendo, nesse intuito, agentes de circularidade da cultura entre o Velho e o Novo Mundo do século XIX.

Diante do levantamento realizado, é possível perceber que o tema em questão, com foco na área da educação, ainda não foi explorado, tendo em vista a ausência de estudos registrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Frente à ausência de investigação quanto às cartas de

Marcelino Champagnat, justifica-se o ineditismo da pesquisa, cuja delimitação enquanto temática busca entender em que medida esses escritos podem ter influenciado na criação e na formação de escolas maristas presentes na comunidade.

Portanto, a pesquisa apresenta o seguinte problema:

Quais as instruções presentes nas cartas de Marcelino Champagnat, escritas entre 1823 e 1840, no que diz respeito ao ensino de crianças, jovens e irmãos e à organização de escolas?

O objetivo geral da pesquisa é analisar as instruções presentes nas cartas de Marcelino Champagnat, escritas entre 1823 e 1840, no que diz respeito ao ensino de crianças, jovens e irmãos e à organização de escolas. Os objetivos específicos são:

- Discorrer sobre a vida e a obra de Marcelino Champagnat, no contexto da França no século XIX.

- Contextualizar os principais argumentos presentes nas epístolas de Marcelino Champagnat, determinantes para o ensino de crianças, jovens e irmãos.

- Identificar as instruções presentes nas cartas de Marcelino Champagnat, escritas entre 1823 e 1840, no que diz respeito à organização de escolas.

Para Gomes (2004), as fontes históricas constituídas ao longo do tempo por meio de instrumentos como cartas, diários e memórias ganham um lugar importante no tipo de escritos na área de história e têm contribuído significativamente nas pesquisas que trabalham com o resgate das memórias.

A pesquisa possui caráter bibliográfico e documental. A investigação desenvolve-se em duas etapas interdependentes: a primeira etapa constitui-se na revisão da bibliografia existente sobre a temática; a segunda etapa visa a realizar o levantamento, o estudo e a análise de documentos, fundamentais no desvelar das investigações, posto que “constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador” (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 39). Os estudos de Viñao-Frago (1995) e Vieira (2015) servem de aporte teórico-metodológico da pesquisa, relacionado à história cultural. Para dialogar com a história de Marcelino Champagnat, a pesquisa se apoia nos estudos de Champagnat (2016), Estaún (2007) e Furet (1999), entre outros.

É importante considerar que os documentos analisados são as cartas escritas por Marcelino Champagnat no período de 1830 a 1843. Essas cartas são também fontes de informação e podem resgatar dados retrospectivos acerca de suas orientações sobre a organização de escolas e o ensino de crianças, jovens e irmãos.

Na pesquisa, são sistematizadas e analisadas as informações coletadas, que culminam na produção da dissertação de Mestrado, mediada pelo aprofundamento teórico da revisão bibliográfica empreendida.

O acesso às cartas utilizadas nesta pesquisa ocorre *via internet*, tendo sua disponibilização digitalizada, mas também são consultadas as existentes na Biblioteca do Memorial Marista. Vale frisar que esse repositório, que não se restringe apenas às cartas, conta com um trabalho minucioso de reunião das fontes em que os irmãos maristas tiveram o cuidado de fazer o registro digital dos documentos mais antigos, preocupando-se com a organização e a catalogação dos materiais para facilitar o acesso.

Segundo Vieira, “armazenar documentos eletronicamente significa obter praticidade e economia de tempo e de espaço, garantindo a preservação dos documentos originais e evitando seu manuseio constante pelos pesquisadores” (2015, p. 73).

Acerca da questão documental, Vieira menciona que:

Os documentos escolares oficiais (correspondências, ofícios e requerimentos, diários oficiais, relatórios, levantamentos estatísticos, pareceres, decretos) fornecem ao historiador a visão do poder público, dos órgãos diretores, das normas de que deveria ser realizado na escola. Em função do interesse público que reveste documentos de transferências, histórico escolar de aluno, atos de colação de grau, é vedada sua destruição pelas instituições escolares, sejam elas públicas ou privadas (VIEIRA, 2015, p.71).

A importância dos documentos escolares se dá por meio do seu objetivo, que é o de registrar a história dos momentos em que a escola/estabelecimento passou, utilizando diários oficiais, relatórios e documentos.

Busca-se, com a análise dos dados, chegar à elucidação dos questionamentos e da problemática levantada. No que se refere ao tratamento de informação, conta-se com o apoio de Bardin (2015), para orientação na análise dos dados qualitativos resultantes do estudo das cartas. Segundo a autora, o tratamento da informação é,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações vindo a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) desta mensagem (BARDIN, 2015, p. 47).

Ainda para Bardin (2015), o processo é dividido em três fases: na primeira fase, a pré-análise, em que é possível fazer a escolha do documento, desenvolver a leitura flutuante, que permite adentrar e observar as cartas; na segunda fase, definida como exploratória, são estabelecidas e codificadas as categorias, identificando as unidades de registro, observados os significantes, uma fase de interpretações das inferências e das descrições. Na última fase, de tratamento dos resultados obtidos e interpretação, a intuição e a crítica são protagonistas fortes no aprofundamento do estudo das cartas, gerando uma interpretação relacional entre o passado e os olhares do presente, a partir das aferições do pesquisador.

Para o trabalho de organização e categorização das cartas, utiliza-se o quadro adiante, a partir das categorias estabelecidas, que nos ajuda a compreender o universo quanto ao público destinado às cartas, como também a origem das cartas recebidas. Pode-se dizer que a categorização é um ponto de partida para adentrarmos no conteúdo das cartas.

**Quadro 2** – Relação de cartas por Marcelino Champagnat

| <b>DESTINATÁRIOS:</b>                   | <b>Nº DE CARTAS</b> |
|---|---------------------|
| PREFEITOS MUNICIPAIS                    | 25                  |
| AUTORIDADES PÚBLICAS NACIONAIS          | 22                  |
| FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS                   | 7                   |
| BENFEITORES OU BENFEITORAS              | 7                   |
| ENCARREGADOS DE INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS | 8                   |
| PESSOAS DIVERSAS                        | 12                  |
| PARA IRMÃOS INDIVIDUALMENTE             | 52                  |
| PARA IRMÃOS COLETIVAMENTE (CIRCULARES)  | 18                  |
| RESPONSÁVEIS PAROQUIAIS (PÁROCOS)       | 103                 |
| SACERDOTES DIVERSOS                     | 40                  |
| AUTORIDADES ECLESIAÍSTICAS (BISPO)      | 45                  |
| <b>TOTAL:</b>                           | <b>339</b>          |

Fonte: Elaborado pela autora a partir de IRMÃOS MARISTAS, 2014.

Com o fito de alcançar os objetivos propostos para o estudo, este está organizado em três capítulos, apresentados a seguir.

No primeiro capítulo, apresenta-se um breve contexto da França do século XIX, dados sobre a vida de Marcelino Champagnat e os primeiros movimentos de constituição do Instituto.

No segundo capítulo, são trazidas as cartas e seus conteúdos quanto aos processos sinalizados: as instruções dos irmãos, professores e das crianças e jovens atendidas pelo instituto.

E no terceiro e último capítulo, os argumentos presentes nas cartas que remetem à necessidade e à definição da abertura das novas escolas.

Assim, entende-se o quanto os elementos explorados nesta pesquisa ajudam a compreender as contribuições do Instituto Marista para a educação no mundo, a partir de um conjunto de preceitos, em que o afeto se faz presente, para atuar na transformação social de crianças e jovens.

## 1 VIDA E OBRA DE MARCELINO CHAMPAGNAT NO CONTEXTO HISTÓRICO DA FRANÇA, NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Neste capítulo utiliza-se de uma abordagem metodológico-bibliográfica e documental que atuará na contextualização histórica do momento vivido pela França na época temporal do presente trabalho, e também as relações estabelecidas com o sujeito da ação a ser investigada, ou seja, o fundador do instituto marista, desde o seu nascimento em 1789, ano de marco histórico, pois nesse ano foi dado início à Revolução Francesa.

É importante considerar que somos frutos do contexto vivido e reflexo da sociedade que atua diretamente na formação do sujeito do presente. Assim, quando nos deslocamos no tempo, pretendemos entender o momento vivido e compreender as relações estabelecidas quanto à formação dos sujeitos daquela época, tornando uma necessidade dialógica o desenvolvimento de um trabalho com as referências bibliográficas e as fontes. Quanto ao uso de uma abordagem bibliográfica utilizamos como referência Fonseca (2002). Para o autor, esse procedimento metodológico

É feito a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Situaremos o contexto francês e seu cenário no século XVIII, que colaborou para a formação de uma revolução importante para o futuro da França, impactando nas relações globais e, ao mesmo tempo, especificamente, no ambiente de imersão da família Champagnat.

A França, antes da Revolução Francesa, estava organizada em três esferas: o primeiro Estado (clero), o segundo Estado (nobreza) e o terceiro (povo). Viviam sob um regime feudal e sua população era submetida à cobrança de altos impostos, o que se agravou com a crise econômica e social.

Nesta construção histórica o século XVIII foi marcado pela influência do movimento iluminista. No campo da educação, a tendência liberal e laica ganhou

força e teve como horizonte a busca por novos caminhos para a aprendizagem e a autonomia dos estudantes.

Segundo Souboul (1981), a França, nesse período, passava por um grande acontecimento, a Revolução Francesa (1789), na qual se destacava a luta contra os privilégios da nobreza e a defesa, pelos burgueses, dos princípios de “igualdade, liberdade e fraternidade”. Essa época é marcada por uma crise econômica, política e social intensa que mobiliza o povo em prol de melhores condições de vida, desestruturando, assim, o sistema monárquico e o poder da igreja, que, em sua constituição, estava ocupando um lugar de destaque e soberania na sociedade.

Após a Revolução Francesa, as instituições religiosas perdem seu lugar de reconhecimento e poder, principalmente no campo educacional, gerando uma necessidade de reorganização na atuação da igreja frente às novas condições. O movimento abala as estruturas sociais e culturais criadas pelas instituições confessionais que, desde o início da constituição da sociedade, possuíam status na nobreza.

É importante, neste estudo, marcar o momento histórico vivido pela França do século XVIII, denominado de Revolução Francesa, que estabelece elos significativos para se compreender o contexto em que Champagnat nasceu e as bases familiares que constituíram sua formação.

Nesse período, a educação também sofre influências, haja vista que a igreja conduz em grande medida os processos educativos, principalmente nos territórios mais longínquos, em especial na zona rural. Com a Revolução Francesa, as instituições religiosas de cunho educacional só continuam na administração se prestarem juramento à Constituição. Em meio a esses conflitos nasce José Bento Marcelino Champagnat. Para Furet (1999, p.86), o movimento vivido pela França mexe com as bases da igreja Católica, pois:

O catolicismo, ao mesmo tempo como igreja e como religião, é tanto mais uma herança do Antigo Regime que foi o centro de um interminável conflito, que terminou com a revogação do edito de Nantes (1685). [...] A nova França, destruindo o “antigo regime” social e político, por isso mesmo expropriou a Igreja Católica grande corpo privilegiado desse regime (FURET, 1999, p. 86).

Conforme Furet (1999), o nascimento do pequeno Marcelino acontece em 1789, em Rosey, no meio rural, em uma casa feita de pedras, no povoado de Marlhès, na França, município entre as montanhas a 1.000 metros de altitude. A

cidade em que sua família morava em Saint Étienne fica a uns 70 quilômetros ao sul da cidade de Lyon na França (LANFREY, 2015; SIENNA, 2018). Marcelino é batizado no dia 21 de maio de 1789, na Igreja de Marlihes, pelo vigário Padre Alliot e cresce num lar harmonioso, em um ambiente repleto de valores e movido pela espiritualidade, sofrendo forte influência da mãe e da tia, muito religiosas (FURET, 1999).

O recenseamento de 1814 conta, na aldeia de Rosey, 55 habitantes (FURET, 1999, p. 2, nota 11), cujas famílias participam das missas, das orações, das devoções piedosas, mantendo uma profunda devoção a Maria, Mãe de Jesus (SIENNA, 2018).

De acordo com Silva (2015), em Marlihes, lugar onde nasceu Marcelino, o analfabetismo e a ignorância possuíam um dos maiores índices entre os jovens. Quanto à educação, apesar de sua importância para as famílias, a dificuldade em permanecer na escola imperava por vários fatores, em especial o econômico, mas também o de gênero, pois o menino tinha muito mais acesso à escola do que as meninas.

Vale frisar que a educação sempre foi muito presente na vida da família de Champagnat e deste cedo sua mãe e sua tia se empenhavam em ensiná-lo.

De acordo com as ideias de Furet (1999), Marcelino Champagnat cresce e se desenvolve, chegando o momento de iniciar a vida escolar, em que logo tem uma experiência nada agradável: um episódio acontece na sala de aula com um colega e faz com que ele saia da escola. Nessa época, era muito comum a autoridade com agressividade por parte dos mestres, haja vista que não havia nenhuma legislação que amparava crianças e adolescentes, assim a escola marca a vida de Marcelino com uma experiência traumática em que “[...] O mestre, tomado de nervosismo, pensando talvez agradar ao jovem Marcelino, deu uma bofetada no rapaz e o mandou chorando para o fundo da sala” (FURET, 1999, p. 5).

Assim, o alvorecer do Instituto dos Irmãos Maristas remonta ao final do século XVIII, mais especificamente ao ano de 1789, quando, então, dois fatos distintos, com alguma imbricação, marcam a história de uma nova época na vida política, econômica, social, educacional e religiosa, cujas consequências têm alcance para além do tempo: o início da Revolução Francesa e os primeiros dias de Marcelino Champagnat, que se destaca durante sua vida pela preocupação com crianças e jovens menos favorecidos e sua educação.

## 1.1 O cenário da Revolução francesa

Para Costa (1999), a Revolução Francesa compreende a França pré-revolucionária, que traz no seu bojo a crise econômico-financeira, social e política, com ideias iluministas. Com a pré-revolução e, conseqüentemente, a Queda da Bastilha, que se torna um marco, tomada pelos revolucionários, determina-se o fim do regime absolutista, sendo assim, esse acontecimento, símbolo da queda da monarquia francesa. Nesse contexto de disputas de classes, surge o segmento dos políticos, de acordo com as mudanças revolucionárias. Vale frisar que os Jacobinos<sup>3</sup>, um movimento que nasceu em prol da participação popular que lutava contra os interesses das classes proprietárias, estão presentes em vários momentos e se revelam como potência pós-revolução francesa. Por fim, surge a contrarrevolução burguesa-aristocrática, revelando-se a burguesia antijacobina.

Assim, no início desse período,

A monarquia absolutista francesa, à época nas mãos do rei Luís XVI, depois de séculos de glórias, exuberâncias, extravagâncias, luxos e luxúrias, apoiada por uma nobreza feudal parasitária e ainda pelo Alto Clero, começava a dar sinais de esgotamento, assim como regimes similares em outros países europeus. (ETGES, 2014, p. 27).

Segundo Etges (2014), para a Coroa francesa e seus nobres, a solução dos problemas financeiros do Estado não passa por propostas de reformas profundas, mas pelos sucessivos aumentos de impostos, cobrados e pagos somente pelo Terceiro Estado, o povo. Assim, o Primeiro e o Segundo Estados – representados pelo clero, nobreza e realeza –, além de não pagarem impostos, detêm o poder político do país. Em meados de 1780, para resolver a crise, é sugerido que se estenda a cobrança de impostos a todos, inclusive aos nobres, que se revoltam, por não quererem perder seus privilégios. A situação fica, então, insustentável, quando

---

<sup>3</sup> Jacobinos eram a classe média da França, era o partido mais radical, defendia uma revolução profunda que atacasse a questão social e discutisse o assunto. Os Jacobinos, nesse momento da revolução, eram os mais fortes, estavam em uma fase radical, onde os reis foram presos e a França expulsou as tropas estrangeiras, sendo assim um partido majoritário na convenção nacional.

Por toda a França, mas especialmente em Paris, estoura o Grande Medo, com a população indo às ruas, montando barricadas, promovendo passeatas, incendiando prédios. No campo, incendiam plantações, destroem castelos, celeiros e tudo o que lembre a opressão feudal. (ETGES, 2014, p. 28).

Diversos teóricos, ingleses e franceses, entre eles, John Locke, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Adam Smith, Gournay, Quesnay, Diderot, D'Almeida, por meio de novas teorias e ideias, passam a defender o fim do Antigo Regime e tudo o que ele representa – especialmente o fim dos privilégios feudais, o absolutismo, o sistema colonial, o mercantilismo e o intervencionismo estatal na economia –, conforme assinala Etges (2014) e, assim, uma série de fatores conjugados abalam os tronos e derrubam os altares, a começar pelas ideias liberais do Iluminismo, também conhecido como Época das Luzes, ou ainda, Ilustração, Idade da Razão ou Enciclopedismo.

Como pontua Etges (2014, p. 28), a partir daí, entende-se que “o liberalismo político, fundamentado na forma republicana de governo ou ainda em uma monarquia constitucional, seria a solução para séculos de desmandos, gastanças e privilégios da realeza”. Defende-se que a economia deverá pautar-se no individualismo econômico, baseado no “governo da natureza” (fisiocracia), “em que somente a agricultura era a principal fonte de riquezas e não mais o ouro e a prata, símbolos máximos das práticas mercantilistas até então vigentes”. Também se defende “a lei da oferta e da procura, o livre comércio, a livre concorrência, o fim do protecionismo alfandegário e o trabalho como forma de riqueza e de acumulação de capitais”, sintetizado esse pensamento na frase de Gournay: “*laissez faire, laissez passer, le monde va de lui-même*”. (Deixe fazer, deixe passar, o mundo caminha por si mesmo).

Apesar de tais ideias serem discutidas em vários âmbitos, como escolas, universidades, casas de comércio, ruas e esquinas, atingem somente uma pequena e privilegiada camada social, pois a maioria dos franceses vive no meio rural, em que predominam as relações servis de produção ainda sob o regime feudal (ETGES, 2014). Também

[...] junto com o fervilhar dessas ideias, a França absolutista, mercantilista e semifeudal passa a conviver com situações econômicas e sociais sem precedentes na sua história, marcadamente, em função da desastrosa participação em guerras externas na América do Norte e de consecutivas secas, enchentes e nevascas, que acabaram por arruinar a agricultura francesa, o que afetaria os demais campos econômicos, especialmente, o comércio, a indústria, a geração de empregos e a arrecadação de impostos e a consequente manutenção

do Estado e de toda a sorte de privilégios para as cortes parasitárias (ETGES, 2014, p. 28).

De acordo com Perrot (2009), o homem público é o herói e o autor da única história que merece ser contada: a grande história dos Estados, das economias e das sociedades, entretanto os instrumentos de poder e a busca do equilíbrio dos pequenos grupos, e até dos indivíduos, são resistências eficazes, barreiras necessárias ao controle social.

Nesse momento histórico é possível perceber, com base nos registros, que os revolucionários traçam uma distinção entre o público e o privado, para que nada que seja particular prejudique a vontade geral da nova nação. A partir daí, exige-se “que nada se furte à publicidade” (HUNT, 2009, p. 18). Dessa forma:

A vida pública postula a transparência; ela pretende transformar os ânimos e os costumes, criar um homem novo em sua aparência, linguagem e sentimentos, dentro de um tempo e de um espaço remodelado, através de uma pedagogia do signo e do gesto que procede do exterior para o interior. (PERROT, 2009, p. 14).

Podemos perceber que tanto Perrot (2009) quanto Hunt (2009) pensavam em prol de um ideal de nação que tem como foco o homem, um sujeito ativo na sociedade e é por ele que a transformação reverberará no tempo vivido, no qual a renovação pessoal do indivíduo se refletirá naquilo que se realiza no Estado. Tais movimentos geram uma profunda politização da vida privada, com a consequente “liberdade econômica e política, a participação das classes populares no poder, bem como o sufrágio universal, a forma republicana de governo e o fim dos privilégios” (ETGES, 2014, p. 27).

A Revolução deixa várias marcas, entre elas o conceito de público e privado em uma relação quase indissociável. Um dos exemplos que se pode utilizar é a invasão do público no espaço privado, é a preocupação constante com o vestuário naquela época. Desde a abertura dos Estados Gerais em 1789, conforme Hunt (2019, p. 21), “a roupa possui um significado político”. Para a autora, os efeitos da Revolução sobre a vida privada definem um novo espaço para o indivíduo e seus direitos privados, não se limitando às expressões da cultura política representadas pelo vestuário, pela linguagem e pelo ritual político, mas atacando também os poderes das comunidades do Antigo Regime – a Igreja, as corporações, a nobreza, a comunidade de aldeia e o clã familiar. Como assinala Hunt (2009):

De início, como bons liberais, os revolucionários esperavam fundar um regime sobre a tolerância religiosa universal; as questões religiosas permaneceram como assuntos privados. Mas os velhos hábitos e a crescente necessidade financeira ditaram uma solução mais duvidosa: o confisco dos bens eclesiásticos e a Constituição Civil do Clero. (HUNT, 2009, p. 29).

A partir disso, os bispos devem ser nomeados por eleição, como ocorre com a maioria dos representantes públicos. Uma após a outra, as assembleias revolucionárias passam a exigir que o clero preste juramento e proíbem o uso de vestimentas eclesiásticas. O apoio aos padres refratários vem a ser identificado com a Contrarrevolução, passando o Estado a controlar cada vez mais os locais, datas e cerimônias do culto religioso. Assim, a reza do rosário nas vigílias se transforma num ato de resistência política (HUNT, 2009).

Após a Revolução Francesa, as instituições religiosas perdem seu lugar de reconhecimento e poder, principalmente no campo educacional. O movimento abala as estruturas sociais e culturais das instituições confessionais que, desde o início da constituição da sociedade, possuíam *status* na nobreza. Com a defesa do Estado laico, as escolas confessionais entram em colapso e muitos religiosos são perseguidos, o que os leva a buscar o anonimato, criando formas de atuar sem que sejam percebidos.

É nesse momento histórico que se faz mais evidente a invasão da autoridade pública na própria vida familiar. Segundo Hunt (2009), a legislação da vida familiar mostra as preocupações heterogêneas dos governos revolucionários: trata-se de conservar o equilíbrio entre a proteção de liberdade individual, a preservação da unidade familiar e a consolidação do controle do Estado. Principalmente sob a Convenção, mas já antes dela, dá-se prioridade à proteção dos cidadãos contra a eventual tirania das famílias e da Igreja. Assim, o casamento é secularizado, e a cerimônia, para ser legal, deve se realizar na presença de um funcionário municipal. No Antigo Regime, o casamento consiste na troca de “sim”, e o padre desempenha apenas o papel de testemunha desse mútuo consentimento. Pelo decreto de 20 de setembro de 1792, um funcionário fica encarregado do estado civil, devendo também declarar o casal unido perante a lei e, com isso, a autoridade pública assume uma participação ativa na forma de família. Como ressalta a autora, de um modo geral, é visível que o Estado frequentemente limita o controle da família ou da Igreja sobre o indivíduo a fim de ampliar o seu próprio, garantindo os direitos individuais, encorajando a união familiar e limitando o poder paterno. Hunt (2009) ainda explica que:

O pouco que se sabe sobre os sentimentos íntimos das pessoas entre 1790 e os primeiros anos do século XIX revela uma grande preocupação, em primeiro lugar, pelo desenrolar da Revolução e, a seguir, pela edificação dos Impérios. Cada um é atingido de alguma maneira - os filhos partem para a guerra, os padres são deportados, as igrejas se tornam locais civis antes de serem reconsagradas, as terras são vendidas em leilão, e depois readquiridas pelas famílias emigradas que retornam à França, os casamentos não são mais celebrados da mesma maneira, e o divórcio se torna possível. Mesmo os nomes sofrem essa influência. (HUNT, 2009, p. 38).

Tal preocupação com os acontecimentos revolucionários pode ser vista, segundo Hunt (2009), nos excertos de carta e fragmentos autobiográficos escritos por pessoas menos ilustres, como Ménétra, oficial de vidraceiros parisienses, que relata em seu diário sua experiência pessoal da vida revolucionária. Ainda, conforme a autora, sob Napoleão, quase 150 suicídios ocorrem por ano em Paris, em sua maioria por afogamento no Sena, sendo o índice de suicídios, entre os homens, três vezes superior ao das mulheres. São pessoas abatidas, cuja existência já penosa se torna a cada dia mais difícil, sem esperanças de melhora; deixam pouca coisa: as roupas que estão usando e o testemunho de parentes, amigos e vizinhos que vão identificar os corpos.

Para os revolucionários, “os homens eram biologicamente fortes, audaciosos e empreendedores; as mulheres eram fracas, tímidas e apagadas”. A mulher se torna o símbolo de fragilidade e deve ser protegida do mundo exterior (o público) que tinha se convertido no símbolo do privado (HUNT, 2009, p. 46).

A demarcação entre o público e o privado, o homem e a mulher, a política e a família acentua-se de forma constante com os ideais da Revolução Francesa a partir de uma tentativa de subverter essa fronteira entre o público e o privado, construir um homem novo, renomeando o cotidiano por meio de uma nova organização do espaço, do tempo e da memória. Por outro lado, como aponta Perrot (2009, p. 79), esse projeto grandioso fracassa diante da resistência das pessoas: os “costumes” se mostram mais fortes que a lei.

Assim, o Estado impõe um forte controle sobre a realização de cerimônias públicas de fundo religioso, pois muitos padres são executados, deportados ou presos. Não havendo mais espaço para tais práticas, as pessoas realizam suas devoções em casa, com a família ou um grupo de amigos de confiança, mas, com o decorrer do tempo e o término de todas as restrições, o mundo privado passa a fazer reivindicações públicas em nome da fé.

Dessa maneira, as

[...] igrejas e paróquias que haviam se transformado em granjas, estábulos ou sala de reuniões de associações, foram restauradas e consagradas. Os vasos sagrados e as roupas sacerdotais foram retirados de seus esconderijos e, quando não havia padre, quem se encarregava do ofício religioso era um mestre-escola ou antigo escriturário (HUNT, 2009, p. 34-35).

As ideias de Hut (2009) nos ajudam a compreender os movimentos ocorridos no tempo histórico em questão, em que a vida religiosa foi praticamente extinta, passando pela necessidade se ocultar de em prol da sobrevivência, pois tudo o que fosse feito em nome de Deus, tinha que ser completamente escondido, assim as celebrações eram feitas nas casas das famílias ou em lugares que jamais descobririam. Não podemos negar que esse tempo histórico deixou marcas nas instituições confessionais e seus seguidores.

## 1.2 As origens familiares de Marcelino Champagnat

É nesse contexto revolucionário que ocorre o nascimento de Marcelino Champagnat, oriundo de uma família numerosa, sendo o penúltimo dos irmãos, dos dez filhos do casal João Batista Champagnat e Marie-Thérèse Chirat, que tiveram cinco meninos e cinco meninas. Sua tia, Louyse Champagnat, religiosa da congregação de São José, depois de ser expulsa do convento por ordem da Revolução Francesa, também passa a integrar a família, tornando-se influenciadora na formação de seu sobrinho (ETGES, 2014; SIENNA, 2018).

Silva (2015) considera João Batista uma figura importante na formação de Marcelino, incentivando o espírito empreendedor, de organização e das responsabilidades para o trabalho. Como assinala Michel (1995) “João Batista pertencia ao movimento Jacobino, tinha boa instrução, era proprietário de um pequeno pedaço de terra, onde cultivava lavoura e criava um pequeno rebanho”. Naquela época, é considerado como de uma família de posses, tendo a administração de um moinho hidráulico, além de ser comerciante e mercador. Sua atuação no comércio ocorre graças à sua boa formação, por ter estudado em uma escola jesuíta, sendo um grande líder no vilarejo (MENTGES, 2013).

João Batista tem altos conhecimentos na agricultura, o que contribui na alimentação da família numerosa. Administrava um moinho e transitava livremente com propostas políticas no povoado, encorajando seus filhos a novas ideias sobre ser um bom cidadão (ETGES, 2014).

Nesse período da história, conforme nos revelam as ideias expandidas pelo movimento revolucionário, nota-se que há um interesse crescente do Estado pela família, principalmente pelas que eram pobres, consideradas como elo fraco do sistema, considerando que

[...] durante grande parte do século XIX, a família age livremente, com muitas variantes ligadas às tradições religiosas e políticas, ao meio social e, sobretudo, regional, tal é a diversidade da França nessa época sob o verniz centralizador. (PERROT, 2009, p. 91).

Muito prudente e de espírito conciliador, João Batista consegue a consideração de todos na paróquia e, por conta dessa estima, da boa formação e do domínio de falar em público, acaba desempenhando uma função política no processo revolucionário: Assim,

Em 1791, ele foi nomeado secretário do município, depois eleito Coronel da guarda nacional do município de Marlies. Em 1793 é responsável por confiscar os bens dos rebeldes de Lyon e aparece como testemunha da queima dos títulos feudais. Parece ter sido pregador da Deusa Razão na Igreja de Marlies, transformada em templo decadário em 1794, mas julgado pouco vibrante pelas autoridades terroristas, recebeu a ajuda do primo mais radical Ducros, que, preso após a queda de Robespierre, será assassinado por um grupo de monarquistas em junho de 1795 [...] Nomeado em 20 de dezembro de 1797 presidente da administração municipal de Marlies, ele aceita essa função relutantemente, em fevereiro de 1798 (LANFREY, 2015, p. 31-32).

Em sua preocupação de organizar os interesses privados, o pensamento político da época confere importância à família como célula-base e determina que, como “átomo da sociedade civil, é responsável pelo gerenciamento dos ‘interesses privados’, cujo bom andamento é fundamental para o vigor do Estados e o progresso da humanidade” (PERROT, 2009, p. 91).

A figura central da revolução e pilar da República, então, é o “pai de família”, um pequeno proprietário que lega um patrimônio a seus herdeiros e, assim, forma-se “um espírito capitalista que se infiltra nas conversas e correspondências familiares e que modifica a autoimagem da família” (PERROT, 2009, p. 94).

Para Marcelino, como observa Etges (2014),

De infância pobre, sem recursos, no meio rural, no sul da França, não lhe restava muito a fazer a não ser seguir os ditames feudais, uma vez que o direito de primogenitura ainda vigorava, ou seja, somente o filho mais velho herdava o feudo e bens da família; aos demais, não restava alternativa a não ser trabalhar como servo da gleba ou desenvolver alguma atividade de subsistência. (ETGES, 2014, p. 33)

Como pontua Perrot (2009, p. 101), porém, o legado não se restringe somente aos bens materiais, mas também aos culturais, pois é “uma agenda de relações, um capital simbólico de reputação, uma posição, um estatuto, uma hereditariedade das obrigações e das virtudes”.

Nesse contexto, Marie-Thérèse Chirat, a mãe de Marcelino, é uma mulher exemplar, pois cuida de seu esposo e contribui na organização financeira do lar, dirigindo “a casa com sábio espírito de economia e ordem perfeita”, conforme Sienna (2018, p. 102). Como presume Etges (2014), de temperamento enérgico e equilibrado, dedicando-se integralmente à educação dos filhos, ela os habitua ao domínio de si mesmos e ao espírito de sacrifício, orientando e incentivando todas as suas escolhas. Sendo mulher muito piedosa, transmite a todos a sua fé em Jesus Cristo e a devoção a Nossa Senhora e, assim, ela e a tia despertam em Marcelino uma fé sólida e uma profunda devoção a Maria, influenciando-o em sua decisão de seguir a vida religiosa.

Como a crença religiosa paira sobre o lar de Marcelino, crescendo nesse meio, faz a primeira comunhão aos 11 anos de idade, enquanto para as crianças da época, a normalidade é a partir de 13 anos (SIENNA, 2018).

Na infância, Marcelino Champagnat tem extrema dificuldade em aprender a ler e, mais tarde, pesquisando a causa, atribui-a não somente à incapacidade dos professores, mas às falhas do método em vigor. Ele mesmo é marcado por algumas experiências ruins de sala de aula por causa da postura de um educador que agredira um aluno e isso provoca em Champagnat uma recusa em permanecer na escola (FURET, 1999, p. 5).

Outro fato presenciado por ele ocorre nas aulas de catecismo, quando o padre catequista, para intimidar um aluno inquieto, aplica-lhe um apelido e, a princípio, o menino sossega. Seus colegas, no entanto, começam a chamá-lo pelo apelido, fazendo o que chamamos hoje de “*bullying*” e, em decorrência disso, o menino irrita-se, ameaça os colegas e passa a ficar acanhado e hostil (MENTGES, 2013, p. 45).

Percebe-se que as experiências foram determinantes no abandono de Marcelino da vida escolar e suas referências, pai, mãe e tia, em nenhum momento interferem na sua “decisão” que toma ainda na condição de criança. Seu retorno à escola só acontece ao adentrar no seminário alguns anos depois dos episódios, como veremos mais adiante.

Destaca-se que os dois incidentes expostos anteriormente marcaram tanto a sua vida que, mais tarde, várias vezes, conta-os aos irmãos professores para explicar o quanto o castigo pode indispor os alunos e afastá-los da escola. Assim, também, mais tarde, expõe ao Rei Louis-Philippe, quando escreve a ele, em 28 de janeiro de 1834, para solicitar a aprovação legal de sua Congregação, mencionando que tivera uma educação muito difícil por falta de professores competentes (MENTGES, 2013).

O trecho a seguir, retirado de um manuscrito de Marcelino Champagnat, demonstra a sua ligação com a importância da formação para solidificar um instituto que tem como missão impactar vidas por meio de uma postura que torne visível e exemplo por onde passe, como algo que pode contribuir de maneira efetiva para quem está sendo ensinado: “[...] quero dar o bom exemplo, levar os outros à prática da virtude, conforme minhas possibilidades; ensinar aos ignorantes vossas leis divinas; dar o catecismo tanto aos pobres quanto aos ricos” (FURET, 1999, p. 15).

Depois de suas experiências negativas com a escola, Champagnat permanece em casa, ajudando nos trabalhos e ocupações da família. No entanto, aos quatorze anos, convidado por um padre da região, resolve aceitar o convite e retorna aos estudos, ingressando no Seminário, onde, apesar das dificuldades, persiste em superá-las e seguir adiante (MENTGES, 2013).

### 1.3 A ida para o seminário

O jovem Marcelino volta a estudar. Por volta de 1803, um sacerdote passa pela região procurando rapazes para ingressar no seminário (SIENNA, 2018). Nessa época, segundo Perrot (2009), as instituições educativas, representativas, assistenciais, recorrem ao oferecimento voluntário, destinando-se a enquadrar os solteiros e solitários, baseando-se em disciplinas de moldes longamente burilados, como é o caso do Exército e da Igreja.

Marcelino Champagnat se interessa, mesmo não sendo alfabetizado suficientemente para entrar no seminário, e passa, então, a estudar com o cunhado, Benoît Arnaud, marido de sua irmã Mariana, durante uma temporada na casa deles. No fim desse tempo, porém, o senhor Benoît chama os pais de Marcelino, concluindo que seu filho teima em continuar os estudos, mas não vale a pena deixá-lo prosseguir, pois é muito pouco dotado para obter resultados

satisfatórios (SIENNA, 2018; FURET, 1999). Tentam demovê-lo de sua decisão, no entanto ele se mostra seguro do que desejava, afirmando que irá para o seminário porque Deus o chama. Dessa forma, ele mesmo paga as roupas do enxoval com o dinheiro amealhado com o comércio das ovelhas que criava. A ida para o seminário, entretanto, acontece somente em 1805, provavelmente atrasada pela morte de seu pai em 1804 (LANFREY, 2015).

Assim, Marcelino entra no Seminário Menor de Verrières, mas como tem muita dificuldade na aprendizagem, ao final do primeiro ano, mandam-no de volta para casa, por não ter condições de acompanhar a turma. No ano seguinte, Marcelino, influenciado pela ajuda e pelas orações de sua mãe, volta ao seminário e, a partir daí, dedica-se com mais afinco aos estudos. Conforme Furet:

Na época do seu ingresso no seminário, acharam tão atrasado em leitura e escrita, que aconselharam a estudar francês durante alguns meses. Nem quis ouvir falar nisso e pediu encarecidamente para o seu superior para começar o estudo do latim. Para contentá-lo, o seu superior consentiu, convencido de que, dentro de alguns dias, acabaria se aborrecendo, e viria pedir para frequentar a aula de leitura. Deu-se, porém, o contrário: no fim de poucos meses, figurava entre os primeiros da classe e neste primeiro ano completou a oitava e a sétima série (FURET, 1999, p. 13).

Apesar da extrema dificuldade com o aprendizado, permanece fiel ao seu intento, até 1813, quando logra êxito. Entra, então, para o Seminário Maior de Santo Ireneu de Lyon, tendo João Maria Vianney (1786-1859), futuro cura d'Ars, e João Cláudio Colin (1790-1875), fundador dos Padres Maristas<sup>4</sup> (SIENNA, 2018), como colegas.

Nesse seminário, estuda retórica, filosofia e teologia, para concluir o sacerdócio. Em conversa com outros seminaristas, surge-lhe a ideia da criação de um projeto com o nome de Sociedade de Maria, com três importantes ramos distintos: padres, irmãs e leigos (FURET, 1999), em que Marcelino ficará encarregado de uma congregação de professores para atuar na educação, já que as escolas estão depredadas e faltam educadores após a Revolução Francesa (MENTGES, 2013).

---

<sup>4</sup> O Instituto Marista, desde a sua constituição, estabeleceu duas vertentes formativas, o que consolidava a atuação enquanto padre, com voto sacerdotal e a outra enquanto irmão, abdicando do sacerdócio, mas seguindo na missão de evangelizar seguindo os preceitos da Igreja Católica (SIENNA, 2018).

Segundo Sienna (2018), Marcelino é ordenado diácono em 23 de junho de 1815 e, com 27 anos, é ordenado sacerdote pelas mãos do Bispo D. Dubourg, juntamente com outros colegas, recebendo, no dia 12 de agosto de 1816, sua nomeação como vigário da paróquia de La Valla, o que corrobora a ideia de prosseguir sua missão e:

Ali, ele inicia seu trabalho pastoral e apostólico, pois encontra um povo com uma fé fraca e de ignorância cultural e religiosa. Tinha sempre um apreço especial pelas crianças, para as quais queria sempre estar ensinando o catecismo e dizer-lhes o quanto Jesus as amava. Esse apreço pelas crianças atraía a confiança dos pais que também passaram a frequentar assiduamente a Igreja. (SIENNA, 2018, p. 105)

Os registros anunciam, por meio dos relatos, que Marcelino dedica um cuidado todo especial aos doentes e necessitados, “atendendo inclusive às suas necessidades materiais com diligente ternura” (FURET, 1999, p. 56).

Para Furet (1999), após conhecimentos adquiridos em Verrière, Champagnat inicia seus estudos no Seminário Maior de Santo Ireneu, em Lyon no ano de 1812, permanecendo lá até 1816. Abordando um ponto de vista complementar ao de Furet, Estaún afirma que:

No dia 28 de outubro de 1816, um acontecimento tornou-se o sinal decisivo para Champagnat colocar de imediato em prática o seu sonho de fundar uma congregação de irmãos. O jovem sacerdote foi chamado à casa de um carpinteiro em Les Palais, uma aldeia que ficava pouco depois de Le Bessat. Um rapaz de dezessete anos, Jean-Baptiste Montagne, agonizava. O jovem ignorava completamente as verdades da fé. Marcelino instruiu-o, ouviu-o em confissão e preparou-o para a morte. Em seguida, foi visitar outra pessoa doente na região. Quando voltou à casa da família Montagne, soube que o rapaz tinha falecido. A falta de conhecimentos de Jean-Baptiste sobre Jesus convenceu o jovem sacerdote de que Deus o chamava para fundar uma congregação de irmãos destinada a evangelizar os jovens, especialmente os mais abandonados. De regresso à casa paroquial de La Valla, Marcelino decidiu pôr imediatamente o seu plano em ação (ESTAÚN, 2007, p.100).

Durante a vida de Champagnat suas vivências trouxeram momentos de reflexão que impulsionaram tomadas de decisão ora em criação de estratégias de médio e longo prazo, ora em atitudes emergenciais levando a decisões imediatas.

Assim, na construção de sua biografia, os fatos marcantes vão ganhando espaço. Como o destaque da citação anterior, com data 28 de outubro de 1816, quando é chamado à cabeceira do jovem Jean Baptiste Montagne, que, com 17 anos, morre analfabeto e sem jamais ter ouvido falar de Deus. Tal acontecimento

leva Marcelino Champagnat à ação, construindo, no “coração a ideia cada vez mais fixa de fundar um instituto de irmãos professores educadores para dar conta da educação e do ensino da religião para as crianças e os jovens” (SIENNA, 2018, p. 105).

Como se pode perceber até aqui, alguns momentos vivenciados por Marcelino, tanto na infância quanto na vida adulta, impulsionam sua tomada de decisão quanto à abertura do instituto. Eles são considerados marcos decisórios para constituição do Instituto dos Irmãos Maristas. Esses marcadores dão a direção quanto ao público alvo a que a instituição deveria se dedicar, tomando como foco acolher jovens e ensinar-lhes orações.

Os encontros de Marcelino com os jovens, proporcionado por seu ofício, fortaleciam a identidade do instituto. A respeito, Giusto (2007) relata alguns encontros que referendam o início da congregação, como o do jovem João Maria Granjon, o qual conheceu Champagnat em uma noite de confissão aos doentes, e ficou impressionado com a leveza com que ele falava de Deus e seus ensinamentos. Champagnat vai ao encontro de João, levando um manual do cristão. João tem interesse em saber o que está escrito, mas não sabe ler. Tomando conhecimento disso, Champagnat posiciona-se da seguinte maneira: “Tome-o assim mesmo. Com o tempo aprenderá a ler, e, se quiser, eu mesmo lhe darei aulas de leitura”. (GIUSTO, 2007, p. 21).

Com esse rol de acontecimentos, Marcelino fica ainda mais determinado para colocar seu plano em ação, e, afinal, constrói um projeto de vida a ser seguido. Seu intuito é construir um local onde possa ensinar crianças e jovens a ler, escrever e a conhecer Jesus Cristo, considerando sua experiência com os últimos momentos do jovem Montagne, que acabou falecendo sem conhecer as verdades da fé e que se tornou um marco institucional ao longo da história.

#### 1.4 A criação do Instituto Marista

Desde que entra no Seminário, Marcelino Champagnat vai estruturando seu sonho de atuar em prol da educação de meninos do meio rural, pois lembra das dificuldades que encontrara e isso fortalece sua ideia e, à medida que avança o tempo, mais certo da sua dedicação ele está.

O sonho em criar o instituto se torna mais próximo de se concretizar quando Marcelino é ordenado sacerdote em La Valla, na paróquia do catão. A

partir desse momento, percebe-se que constituir a comunidade é uma questão de tempo.

Segundo Conter (2018, p. 51), Marcelino Champagnat se preocupa em “oferecer educação e evangelização a crianças e jovens desprovidos de instrução e de ambientes escolares”, por isso idealiza a pedagogia marista e, em 1817, funda o Instituto dos Irmãos Maristas (VIEIRA, 2011), que se configura, inicialmente, como uma instituição dedicada à educação cristã de jovens do meio rural (FIGUEIRA; BARBOZA, 2017).

O padre Marcelino Champagnat, todavia, para colocar seu sonho em prática, necessita de outras pessoas que possam ajudá-lo.

Assim:

No dia 02 de janeiro de 1817, Champagnat recebe os dois primeiros pretendentes a irmãos – João Maria Granjon e João Batista Audras – em uma pequena casa que havia comprado próximo à paróquia de La Valla e ali, nesse dia, inicia-se a obra marista dos Petits Frères de Marie [Irmãozinhos de Maria]. Estava fundado seu tão sonhado Instituto. As dificuldades são muitas, mas as regras de convivência em comunidade, a princípio são bem simples, oração, trabalho manual para o sustento da casa, estudo para alfabetização e religioso para evangelização das crianças, num autêntico clima de família. Mesmo assim, outros jovens vão somando-se aos dois primeiros de forma que é preciso aumentar a casa. (SIENNA, 2018, p. 105).

Mesmo diante de obstáculos, em 1822, a instituição conta com quatro escolas rurais em funcionamento, com cerca de dez membros na comunidade, e Champagnat “[...] mantém firme seu propósito e sempre confiante na providência Divina e proteção de sua Boa Mãe Maria, a quem sempre chamava de Primeira Superiora do Instituto, seu recurso habitual em todas as dificuldades”. (SIENNA, 2018, p. 105).

Como afirma Sienna (2018), Dom Gaston de Pins, quando assume a diocese de Lyon, percebe um desígnio de Deus na obra iniciada por Champagnat e, assim, dispensa-o das funções de vigário paroquial em La Valla, para integralmente assistir aos seus formandos e irmãos professores.

Champagnat, então, compra um terreno no vale do Rio Gier e, em maio de 1824, inicia a construção da casa de L’Hermitage, com a finalidade de acolher outros candidatos que procuram sua formação como irmãos professores. Naquele momento, percebe-se que a constituição inicial depende também de um grupo engajado, pois há muito trabalho a ser feito, mas, mesmo com um número pequeno, toda a comunidade religiosa e alguns funcionários se empenham

nessa construção, ficando pronta a primeira ala da casa em 1825, quando eles se mudam para lá. (SIENNA, 2018). Nessa época, Marcelino Champagnat fica gravemente doente, provavelmente, segundo o autor, em função do desgaste gerado pela construção, em termos de dissabores com a comunidade e por conta das dívidas contraídas com a aquisição do terreno e a construção da casa, pelas constantes viagens que faz para visitar as escolas, além de problemas na administração da casa.

Percebe-se, em vários momentos da história de Champagnat, que as condições estruturais e possivelmente físicas impactam constantemente sua saúde, impedindo o exercício temporário de suas atribuições, sendo uma das primeiras dessas ocorrências em 1825. Impossibilitado de viajar devido à saúde debilitada, o Padre Champagnat resolve escrever cartas para os outros irmãos, com a intenção de informá-los quanto ao andamento dos estabelecimentos, retratando as condições estruturais, o número de alunos e o atendimento conduzido pelos irmãos. A primeira carta está datada de 1.º de dezembro de 1823 e assume um marco histórico quanto ao registro da instituição, que passa a utilizar as cartas como ferramenta de comunicação e direcionamento, constituindo um arcabouço de 339 registros, no período de 1823 a 1840.

Aos poucos, quando sua saúde vai se recuperando, pode trabalhar pelo desenvolvimento da Congregação e, assim, no intento de obter sua aprovação legal no governo francês, faz viagens a Paris, no entanto, sem obter êxito. Em abril de 1836, Roma autoriza o funcionamento da Sociedade de Maria e, em dezembro desse mesmo ano, sai a primeira leva de missionários maristas, entre padres e irmãos, para as missões na Oceania. Para Sienna (2018), o fundador tem vontade de ser missionário, mas os muitos trabalhos e os vários compromissos com a Congregação o impedem de realizar tal sonho.

Ao ficar enfermo, novamente, em 1839, Champagnat autoriza a eleição de um sucessor e o escolhido, Irmão Francisco, jovem de 31 anos, que está na Congregação desde os dez anos de idade, passa a ser o Diretor Geral. Mesmo com a saúde agravada, entre o final de 1839 e o início de 1840, Marcelino Champagnat funda sua última casa para formação dos irmãos, situada na localidade de Vauban, a pedido do bispo diocesano D. Bénigne de Troussel d'Héricourt (SIENNA, 2018).

O piedoso fundador celebra sua última missa no dia 3 de maio de 1840, ditando seu Testamento Espiritual no dia 18 do mesmo mês, ao Irmão Luiz Maria,

assistente do Irmão Francisco, e morre no dia 6 de junho de 1840, num sábado, dia dedicado à devoção a Maria, entre seus irmãos (SIENNA, 2018).

Padre Champagnat deixa como legado a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria com 280 irmãos, 48 escolas e aproximadamente 7.000 alunos. Em vida, ele não consegue ver realizado seu grande sonho de obter a aprovação do governo francês e o reconhecimento de Roma, o que acontece, *a posteriori*, respectivamente, em 1851 e 1903 (SIENNA, 2018).

Com o estado de saúde de Marcelino Champagnat agravado, Ir. Francisco, referência pouco aparente na história, assume a liderança do instituto e é o impulsionador de todo registro histórico e da criação dos documentos orientadores, a partir de um anúncio de apelo do tempo presente em resposta à missão. Assim, surgem as reuniões com os irmãos para definir a atuação por via de capítulos gerais<sup>5</sup> temáticos.

Os encontros com os irmãos têm a desafio de consolidar os rumos de atuação do instituto a partir de um apelo. O primeiro capítulo geral, mesmo o padre Champagnat ainda estando vivo, não conta com sua presença, devido ao seu estado de saúde. Os capítulos seguintes são realizados nos anos 1839, 1852, 1860, 1862, 1867, 1873, 1880, 1883, 1893, 1903, 1907, 1920, 1932, 1946, 1958, 1968, 1976, 1985, 1993, 2001, 2009 e 2017.

No próximo capítulo nos debruçaremos acerca das Cartas como fontes subjetivas e privadas, que se tornam públicas e seus conteúdos presentes, no que tange aos anúncios que elucidam o processo organizacional constituído enquanto princípios institucionais a serem desenvolvidos nas atividades destinadas para os jovens irmãos, os professores, as crianças e os adolescentes que frequentavam as escolas.

Durante a leitura minuciosa das cartas, percebe-se que Champagnat tem a preocupação em constituir alinhamentos institucionais, uma forma de consolidar a identidade marista, pois o reconhecimento da prática deve ser atestado em qualquer um dos estabelecimentos em que haja presença dos irmãos. O carisma por ele evidenciado deve ser uma marca a ser seguida.

---

<sup>5</sup> O primeiro capítulo geral é impulsionado pelo padre Francisco Rivat, que, devido ao estado de saúde do padre Marcelino Champagnat, sugere a escolha de um substituto que assumira as responsabilidades do fundador. A escolha do representante do instituto passou a ser um ato democrático entre os irmãos e um ponto de pauta em cada reunião ciclo. Os encontros também passaram a discutir a atuação frente ao cenário econômico, político e social a ser enfrentado, respondendo a perenidade do instituto.

## **2 INSTRUÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS, JOVENS E IRMÃOS (1823 A 1840)**

Neste capítulo, trataremos de um universo de 42 cartas extraídas do acervo que contém todas as cartas veiculadas no período de 1823 a 1840, traduzidas e catalogadas seguindo uma numeração de 1 a 339. Destaca-se que a análise das cartas seguiu a metodologia de categorização orientada por Bardin (2015). Abordaremos três subcategorias que foram construídas à medida que avançavam as leituras e estas se aproximavam do objeto a ser estudo. São elas: educação de irmãos e noviços, instrução de professores, que traziam conteúdos que remetiam a processos instrucionais; e educação de crianças e jovens, que anunciam pistas no tocante à formação instrucional desse público.

As cartas são fontes subjetivas que se tornam bens imateriais na constituição institucional e revelam modos operantes de um grupo de pessoas em uma determinada época.

É importante considerar aqui que, com o aumento do fluxo das cartas, há necessidade de conduzir os informes no formato de circulares, quando se trata de comunicações com os irmãos. Tudo isso a partir da expansão do Instituto, entendendo-se essa tomada de decisão como uma das estratégias utilizadas para conhecimento direcionado.

Vale frisar que as marcas presentes nas cartas de Marcelino Champagnat, escritas entre 1823 e 1840, remetem a indicações realizadas acerca das instruções sobre a educação. Sabe-se que são aproximadamente 339 cartas, mas ao longo da sua história, elas foram ganhando formatos diversificados, como é o caso das circulares, antes mencionadas. À medida que a peregrinação se torna necessária, as cartas também se tornam um meio de comunicação e disseminação da missão. Segundo Furet (1999), o padre Champagnat não deixa os irmãos esquecerem qual era o propósito e o destino aos quais estão designados, que é difundir a missão por onde passarem, levando o carisma e o cuidado como premissa marista.

Pode-se dizer que Champagnat é estratégico e escolhe viver no meio da juventude e por ela mediar a educação. Os primeiros seguidores que se tornam irmãos maristas, segundo dados levantados no memorial, possuem uma faixa

etária entre 10 e 28 anos, ou seja, jovens sendo os atores principais na transformação social de outros jovens.

De acordo com Furet (1999), Marcelino Champagnat tem a preocupação de sempre formar os irmãos para melhor ensinar as crianças e os jovens da comunidade, para que ocorra uma aprendizagem realmente significativa.

Vale frisar que são testadas várias maneiras de ensinar a ler, utilizando-se o método da soletração e a antiga denominação das consoantes. Esse ensinamento não tem sucesso, pois identifica-se que essas técnicas aumentam as dificuldades no ensino da leitura. Champagnat, inspirado em processos pedagógicos em expansão pela Europa, como o utilizado por Pestalozzi, desde 1746, cuja intencionalidade parte do método intuitivo e sensorial, tornando a aprendizagem significativa, resolve utilizar tal metodologia, que propõe uma nova pronúncia das consoantes, e proíbe a soletração nos estabelecimentos geridos pela instituição.

Percebe-se que Champagnat tem uma preocupação na qualidade da educação a ser ofertada, e isso é decisivo na tomada de decisão em optar pela mudança de como ensinar nos estabelecimentos maristas. Para Manacorda (1989) no método intuitivo, o aluno

[...], seja qual for a classe social a que pertença e a profissão a que esteja destinado, participa de certos elementos da natureza humana que são comuns a todos e constituem o fundamento das forças humanas. Nós não temos direito algum de limitar a qualquer homem a possibilidade de desenvolver todas as suas faculdades (...); não temos o direito de negar à criança a possibilidade de desenvolver nem que seja uma só faculdade, nem mesmo aquela que, no momento, julgamos não essencial para a sua futura profissão ou para o lugar que ele terá na vida (MANACORDA, 1989, p. 266)

A cada trecho acessado quanto à estruturação do instituto marista, mais forte se revela a ideia da preocupação do padre Champagnat com a educação, tanto dos irmãos, disseminadores da proposta, quanto das crianças e jovens a serem educados a partir dos ideais. Assim, entender que, em dado momento, atuar à distância é necessário e urgente diante das demandas territoriais, e que o uso de tecnologias da época facilita as instruções, a escrita e o envio de carta ganham destaque e repercussão histórica. Ao mesmo tempo, o instituto se torna conhecido, o que faz a Igreja Católica divulgar o trabalho e sugerir nomes de jovens. Com frequência, Champagnat (1999) recebe da França e de toda região

indicações dos padres com nomes de jovens, seguidos de relato dos trabalhos desenvolvidos e da dedicação aos estudos.

Considerando as cartas documentos valiosos de comunicação e informação, segundo Martins (2011), a missiva demanda um distanciamento entre os interlocutores, que é amplo e temporal, e procura ao mesmo tempo um distanciamento entre o escritor e as circunstâncias a que a missiva remete.

Ao analisar as cartas, é importante considerar que sua escrita remete ao fato sobre o que é importante ser traçado e o que está sendo vivido ou já foi vivido pelo autor. Com muitas leituras e reflexão sobre as cartas, pretende-se disseminar as informações levantadas. Na sequência, vai-se observar nas cartas a importância da presença dos irmãos para a formação do noviciado e a expansão da educação.

O instituto, desde a sua concepção, estabelece objetivos claros e um foco de atuação. Um deles faz referência à constituição de um coletivo de religiosos que precisam ser formados para atuarem como formadores, agentes de disseminação da proposta. Essa é uma das premissas estabelecidas, pois a congregação, para seguir adiante precisa de membros. Assim, a primeira denominação criada, para quem se sentir motivado a participar, é o noviciado, sendo o primeiro estágio a partir da adesão pela vida religiosa. Depois de alguns anos de vivência e formação, chegará ao segundo estágio, o qual se concretizará com os votos de obediência, realizando a passagem de noviço para irmão marista. Essas duas etapas exigem um trabalho de instrução por parte do padre Champagnat, em um primeiro momento presencial, haja vista que o grupo constituído é pequeno, mas se torna desafiador quando a expansão pelos territórios mais longínquos se efetiva. Talvez esse tenha sido o início de criação de estratégias para a distância, sem perder momentos, mesmo que esporádicos, no formato presencial.

Adiante se tratará das cartas cujos conteúdos elucidam o processo de instrução dos irmãos. Faz-se necessário, todavia, entender as categorias noviços e irmãos.

Como “noviços” entendem-se os jovens ingressantes na congregação com desejo de seguir a vida religiosa. Para isso, é escrito na carta n.º 55 (1999), um questionário com 24 questões destinadas aos noviços, buscando informações quanto à vida social, religiosa, financeira, dentre outras, que, de certa forma, são importantes de se obter antes da entrada no instituto. Adiante,

o trecho da carta com as questões a serem respondidas pela família do pretendente a noviciado:

1.º) De onde vem? Qual é seu nome de família e de batismo? Nome dos pais, sua ocupação, idade, endereço deles; 2.º) É filho legítimo? 3.º) Qual é a profissão e a situação dos pais? Estão bem de vida ou precisam do trabalho do filho para sobreviver? 4.º) Em que idade fez o jovem a primeira comunhão? Foi admitido e depois recusado? 5.º) Viveu sempre com os pais? Se os deixou, foi em que idade? Por que os deixou? Trabalhou a serviço de alguém? Quanto tempo permaneceu a serviço do mesmo patrão? Em que serviço o ocupava o patrão? 6.º) Há na família algum fato que a desabone, quer devido ao que faz, quer por causa de algum crime praticado?; 7.º) Quantos irmãos e irmãs tem? Estão bem estabelecidos? 8.º) Ganhou pessoalmente o dinheiro com que pagar a pensão do noviciado? Ou algum parente ou pessoa estranha à família vai pagar por ele? Se tinha algum emprego, por que não ganhou nada? Que fez com o dinheiro da poupança? Deve-se ter consideração por alguém que está pagando com o dinheiro que poupou, e por aquele que, não tendo nada, deu assistência ao pai ou à mãe sem recursos.; 9.º) Que recursos tem os pais?; (CHAMPAGNAT, 1999, p. 9, carta 55).

As questões de um a nove tratam da procedência familiar, vida financeira, de onde vem o pagamento da pensão, se já havia participado de algum crime e outras preocupações no que se referem à entrada na vida religiosa, com a intenção de resguardar o instituto, sendo que as principais preocupações de Marcelino são a questão dos pagamentos e da permanência dos jovens para os estudos.

Dando seguimento ao questionário, com as questões de dez a vinte, trata-se da conduta social e da saúde.

10.º) Qual a situação do jovem na sociedade depois de ter saído de casa?; 11.º) É de boa compleição? E de bom temperamento? É forte?; 12.º) É de bom gênio?; 13.º) É de corpo sadio? Não padece de escrófula? Tem os pulmões sãos? Exala maus odores?; 14.º) Em sua família, houve algum membro com tuberculose?; 15.º) A vista é boa? Goza de boa reputação?; 16.º) É instruído? Que estratégia usa para escapar do serviço militar?; 17.º) Depois da primeira comunhão, continuou a frequentar os sacramentos?; 18.º) Quem o aconselhou a se fazer religioso? Faz tempo que tem essa intenção? Consultou a Deus ou o seu confessor? Enfim, qual a razão que tem para deixar a vida do mundo?; 19.º) Não se pôs na cabeça que na vida religiosa terá que trabalhar menos do que lá fora; que estará mais folgado; só terá que rezar, assistir à missa etc. etc.?; 20.º) Não esteve antes em alguma congregação religiosa? Se este for o caso, não deve ser admitido senão por razões muito graves.; 21.º) Se o postulante não for maior de idade, deverá ter o consentimento dos pais.; (CHAMPAGNAT, 1999, p. 9, carta 55)

As questões acima abordam a independência do adolescente ao sair de casa, o tipo de comportamento com as pessoas e o gênio, se na família alguém

já tivera alguma doença contagiosa, se tem perfeita saúde, se cuida da higiene pessoal, se já havia frequentado a escola, depois de concluir a primeira comunhão se continua sendo um bom católico frequentando a igreja, se alguém o incentivara a praticar a vida religiosa. Essas questões importam, porque a entrada na comunidade tem que vir da vontade de seguir a Deus e da dedicação na atividade de postulantes. Para finalizar, vêm as questões destinadas aos noviços com a numeração de vinte e dois a vinte e quatro:

22.º) Andou mendigando? Ou são os pais que mendigam?; 23.º) Se o postulante pede conselhos acerca da congregação que pretende abraçar, é preciso propor-lhe uma diferente da nossa e que mereça maior confiança da parte dele. Mas, se mostra preferência pela Sociedade de Maria, sobretudo, por causa de nossa padroeira, então sim, convém admiti-lo prazerosamente e fazer-lhe ver que confia na pessoa certa quando confia na Mãe de Deus.; 24.º) Se o noviço não paga nada, é preciso que assine um contrato de pagar a Sociedade, no caso de desistir e que os pais também assinem, se possível.; Continuo pensando que isso de empregar os irmãos como sacristães nos vai trazer muitas dificuldades. Faça tudo o que puder para nos eximir desse compromisso. Faremos o possível para ceder ao senhor, na época da festa de Todos os Santos, alguém que possa trabalhar no noviciado, caso o senhor tenha muitos noviços. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 9, carta 55).

Além das questões, também é essencial a participação na formação fornecida para ser um educador nas escolas. Esses ensinamentos são ministrados por irmãos mais experientes, em alguns casos o próprio fundador dá formação para os irmãos. Já os irmãos são aqueles que passam pelas formações vivenciais para educadores e fazem os votos de obediência religiosa. Segundo Champagnat (1833), os irmãos formados também são orientados a seguir algumas diretrizes, pois entende que as orientações de uma forma unificada valorizam a postura institucional e comunicativa, o jeito marista de atuar nas escolas, o que colaborará para uma imagem institucional. Destaca-se, dentre elas, a participação em retiros espirituais na casa mãe, o que poderá ser um instrumento de aferição quanto ao processo de formação, pois os retiros são momentos de se reconectar consigo mesmos e com o propósito do instituto, como também de manter a “casa mãe” informada quanto ao caminhar dos trabalhos e ao desenvolvimento das atividades.

## 2.1 Instrução e educação de irmãos

Ao longo da pesquisa, percebe-se que Champagnat se torna uma referência de liderança inspiradora em sua época, sendo convidado a participar de várias formações. Esse também parece ser um momento utilizado para divulgação da obra, ampliando o conhecimento quanto à proposta institucional. Os registros encontrados sinalizam que a procura por irmãos é grande, por isso Marcelino sempre aceita participar das formações e as devolutivas via cartas, pós formações, vêm sempre com muitos agradecimentos dos participantes, por acreditarem na obra que está desenvolvendo Champagnat (1999).

A formação dos primeiros irmãos se dá em um contexto histórico em que o professor improvisado é substituído pelo professor artesão, o que demanda um esforço no processo formativo, uma vez que são jovens camponeses com pouca ou nenhuma instrução que assumirão a responsabilidade de desempenhar a educação frente ao instituto. Tal formação deve satisfazer uma instrução religiosa e ao magistério, e perdura por todo o período de consolidação do instituto na França. A casa de L'Hermitage se constitui um mosteiro e centro de formação pedagógica para os irmãos, com cursos ofertados nas férias e cursos permanentes.

A formação segue aulas de leitura, ortografia, aritmética, história, geografia e canto. Marcelino Champagnat também se preocupa com a ambiência do espaço destinado para a formação dos irmãos: para ele, o espaço deve ser exemplo de simplicidade, autenticidade e benevolência, um ambiente para a boa convivência.

A marca da presença se torna um dos elementos centrais do processo de formação dos irmãos, mas, à medida que o instituto cresce, outras estratégias ganham espaço, sem perder a essência. Assim, as cartas, instrumentos de estudo desta pesquisa, revelam-se um meio propício e de baixo custo para comunicação e instrução.

Em um primeiro momento, pode-se identificar que as cartas revelam uma necessidade de presença, que na sua essência também se conecta ao processo instrucional, pois, para atender a demanda, faz-se necessária a instrução.

Um outro ponto em destaque diz respeito aos custos para a formação dos futuros irmãos. A carta n.º 152 (CHAMPAGNAT, 1999, p.108) se refere às “condições para se tornar um postulante na sociedade de Maria” e lembra que o valor é solicitado por ele, não sendo aceito abatimento em outro serviço. De acordo com a circular n.º 132 (CHAMPAGNAT, 1999, p. 177), é citada a casa

“La Grange Peyre” em que há noviços com idades inferiores a 15 anos e a permanência na casa exige uma “pensão no valor de 300 francos anuais”.

No trecho da carta n.º 148, fica evidente tal questão quando o fragmento diz: “Além da diocese de Lyon, as de Belley, de Grenoble, do Puy, de Clermont, - em uma palavra, de todos os recantos da França - estão pedindo irmãos.” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 195). Esse momento nos remete a um apelo manifestado quando à referência marista. Assim, é possível perceber que as necessidades quanto à presença são marcas presentes nos registros de comunicação, um movimento de chamamento dos irmãos e ocupação de novos espaços, uma oportunidade de expansão.

Marcelino se apresenta como um líder preocupado com a qualidade formativa dos irmãos, chamando a atenção sempre que necessário para isso. Fica claro, no trecho da carta n.º 168 (CHAMPAGNAT, 1999, p. 221), quando Champagnat diz que o diretor irmão Denis não deveria “ausentar-se, sem prevenir o Irmão que o substitui e sem indicar o lugar para onde vai. Perguntei em que data lhe dei licença de ir a Lyon, e você nada me disse a respeito”. Nesta carta n.º 168, Marcelino Champagnat chama a atenção do irmão Denis, pois está se permitindo fazer viagens sem o conhecimento do instituto. Ausentar-se, sem deixar alguém preparado para sua substituição, poderá colocar o instituto em risco.

Na mesma carta, Champagnat pauta a importância da formação dos irmãos em manter a comunicação com a casa mãe, principalmente em questão que gerar custo para o instituto. Também se pronuncia ao irmão Denis quanto ao desejo de estar na missão da Polinésia, com muito zelo. Champagnat, na carta n.º 168 (1999, p. 221) assim responde sobre a missão da Polinésia, “fique com as contas em dia, para que, se for chamado a embarcar, você esteja preparado”. Quanto ao irmão Flavien, acrescenta, não é o momento de encerrar o contrato, pois não temos pessoal disponível para substituí-lo. Champagnat (1999, p. 221, carta n.º 168) deve tratar esse irmão muito bem e com dedicação: “Diga-lhe que deve ser ele seu substituto, e que nesta função, deverá entender-se com você para trabalhar pelo bem de todos os meninos que lhes são confiados”.

Nota-se também que o sentimento do cuidado está presente em todos os momentos. Champagnat, na orientação aos irmãos líderes, recomenda que cuidem do grupo, estabelecendo um sentimento de pertença e valorização, até

porque as condições financeiras por vezes são desfavoráveis e a permanência na missão se dá por ora imbricada pelo amor. Assim, o fluxo de mensagens encorajadoras também é instrumento de motivação: na carta n.º 24 (CHAMPAGNAT, 1999, p.53-54) estando em L'Hermitage, pede coragem para os irmãos, para que “continue a ministrar o ensino a um bom número de meninos. Porém, se os não tiver, sua recompensa será a mesma.”

À medida que o instituto cresce, a procura por irmãos para atuarem como educadores também ganha destaque. Assim, algumas procuras são sinalizadas como a do Pároco de Firminy, da cidade de Loire, o qual tem conhecimento do projeto dos irmãos maristas e da educação ministrada por eles, e solicita para Champagnat a presença deles (1999, carta n.º 24), mas naquele ano não é possível mandar nenhum irmão, pois os irmãos qualificados já estão atuando em outros estabelecimentos. E os noviços estão no início da formação. Segundo Champagnat (1999, carta n.º 24), o dirigente responsável pela educação de Saint-Etienne elogia o projeto dos irmãos.

Com a expansão do instituto, a partir do direcionamento dos irmãos para várias comunidades, com o propósito de educar crianças e jovens, há um distanciamento da casa mãe. Com isso, Marcelino Champagnat tem necessidade de enviar os avanços e os desafios da instituição e cria a Circular, que são cartas destinadas simultaneamente a todos os irmãos.

Na circular enviada aos irmãos há orientações sobre o cuidado com os materiais que utilizam. Segundo Champagnat (1999, carta n.º 62), quando há a necessidade de sair de um estabelecimento, deve-se ter o cuidado de recolher todos os materiais, como os catálogos, os livros, os manuais, as gramáticas, as aritméticas decimais, a geometria, enfim todos os materiais destinados para a abertura do estabelecimento.

Na circular n.º 62 (CHAMPAGNAT, 1999), Marcelino convida todos os irmãos para formação. É um momento de recolhimento com silêncio e paz, mas também solicita que venham com muita disposição, pois há muitos trabalhos para serem atualizados.

Como forma de organização, Marcelino escreve a seguinte circular, com recomendações a serem seguidas assim que cheguem à casa mãe:

- 1.º) Ao chegar, fazer uma visita ao Ssmo. Sacramento, ao superior ou ao seu substituto ao qual se deve apresentar o livro de contas.
- 2.º) Dirigir-se ao lugar para onde forem designados, sem se demorar a

tagarelar inutilmente (os números dos respectivos lugares serão indicados quando chegarem).3.º) Longe de se julgarem dispensados do regulamento quando vêm à casa mãe, os irmãos dos estabelecimentos devem ser os primeiros a cumpri-lo. 4.º) Caso se cometa ou se tenha cometido alguma falta contra o regulamento, avisar somente a quem pode remediar. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 99, circular n.º 24).

Esse procedimento de organização é muito importante, na medida em que os irmãos chegam ao destino e seguem o roteiro para melhor aproveitamento dos dias em que estiverem na casa de formação. Desse modo, dificilmente ocorrerá desordem ou perturbação.

Considerando-se o desenvolvimento e a dedicação de alguns irmãos, nos momentos de formações para concluir os estudos, sabe-se que a maior parte tenta seguir de qualquer forma, mas muitas vezes falta o principal, o conhecimento científico e, na visão de Champagnat (1999, p.152, carta n.º 108), deverão retornar a casa onde “estão obrigados a recapitular as noções elementares, principalmente da ortografia”.

Ao se aproximarem as férias, sempre é feito comunicado para os irmãos, relembrando dos cuidados em se tratando da pontualidade, principalmente porque neste “dia 28 de setembro terá uma magnífica celebração na capela”. (CHAMPAGNAT, 1999, p.179, Circular n.º 132)

Na circular enviada aos irmãos, na visão de Champagnat (1999, circular n.º 132), as comunicações são fundamentais para suas contribuições nos estabelecimentos, então solicita um resumo aos irmãos sobre a quantidade de alunos e a sua permanência nas escolas.

Alguns irmãos são destinados à missão na Polinésia, tendo como foco a educação de jovens e crianças. Por meios das cartas, enviam informações da trajetória percorrida, contando os progressos e os grandes desafios que os tocam. Um deles ocorre com um dos irmãos, que fica muito doente e acaba falecendo durante a missão. Apesar do triste acontecimento, os demais dão continuidade à missão.

A questão do pagamento é uma necessidade do Instituto, pois é dessa forma que consegue custear a alimentação, a estadia e os estudos, além da formação dos noviços e dos irmãos.

Como a presença dos irmãos, na área de educação, está se consolidando, outras comunidades religiosas se colocam interessadas. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 55, carta n.º 25). É então que a Madre Saint-Joseph se torna mais uma marista

com a função de superiora, sendo escolhida para ficar à frente da formação das moças.

A busca de jovens para uma formação marista é constante, assim, três moças vêm saber informações e, na visão de Champagnat (1999, p. 55, carta n.º 25), “se não lhe levassem uma renúncia total a si mesmas, uma submissão a toda prova, uma vocação perseverante e um desejo autêntico de amar a Deus a exemplo de Maria, que nem fossem adiante.”

Da mesma forma dos irmãos, para as irmãs também há uma lista de enxoval como lençóis, toalhas, pano de esfregar chão. Para o uso pessoal, camisetas, lenço de bolso, roupas em geral. Para manter as despesas dessas moças, segundo Champagnat:

O pai da jovem Chol daria agora 1400 ou 1500 francos, e nada, mais; ou então, 400 agora e a herança depois que falecesse. Marie Buis, 500; 200 de entrada e o resto dentro de um ano. Após o falecimento do pai, ela terá 2.000. A senhorita Pocachart vai com 100 de entrada. O resto da pensão seguirá à medida que precisar; após o falecimento dos pais, receberá 4.000 francos. Posso garantir-lhe que as três são de pais muito bons, autênticos cristãos. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 55, carta n.º 25).

Com o trecho da carta acima, pode-se perceber que, para ser aceita na comunidade religiosa das irmãs maristas, é indispensável que a família da postulante pague um valor para os estudos e a permanência no instituto. Caso não tenha esse valor no momento, no falecimento dos pais, a herança entra como pagamento.

De acordo com Champagnat (1999, p. 213 -214, carta n.º 164) “Apesar de tudo, quantas graças Deus nos concede em nossas provações; como Ele sabe consolar-nos e compensar nossas tribulações!”

É importante destacar que, no instituto, os irmãos exercem diferentes papéis. Para Champagnat (1999, p. 92, carta n.º 56), “os irmãos ajudam nos diversos trabalhos: um bom mestre de noviços, um Irmão capacitado para dar aulas aos demais, outro para as aulas aos noviços e um ecônomo”.

Como aumenta o número de noviços e a procura de irmãos para atuarem nos estabelecimentos, existe sempre a necessidade de pessoas para ajudarem nos trabalhos. Champagnat (1999, p. 36, carta n.º 9) espera encontrar “um auxiliar apropriado, que tenha amor pela causa, que só exija a roupa e a comida, recomendo-me às suas orações, pois vejo mais do que nunca a verdade do oráculo divino: *Nisi Dominus* (mas o Senhor). Para Champagnat (1999, p. 36,

carta n.º 9), o sacerdote Séon terá condições em vários âmbitos, pois não solicitará nada, além de possuir um patrimônio avaliado em vinte mil francos.

Na sequência, na carta n.º 53, é registrada a adesão de muitos noviços e todos aparentemente muito esforçados. Segundo Champagnat (1999, p. 88, carta n.º 53) “foi entregue aos novos irmãos o santo hábito, uns vinte, mas há mais uns quinze que ainda não o receberam”. Na visão de Champagnat (1999, p. 92, carta n.º 56), “todos os dias se apresentam novos candidatos e chegam novos pedidos”. Na carta n.º 109 (1999, p. 154), relata que, naquela oportunidade, o instituto “estava com 176 irmãos e com muitos noviços sempre determinados para o trabalho”.

As responsabilidades de Marcelino Champagnat aumentam dia a dia, com as formações dos postulantes e irmãos e o crescimento do instituto. Assim, ele sente necessidade de:

Alguém que supervisione, que anime e tome a direção geral da casa em minha ausência, que atenda aos que vêm e vão; que goste e sinta a importância e as vantagens de estar no cargo, um diretor piedoso, preparado, experimentado, prudente, firme e constante. O Padre Décultieux, coadjutor de Pélussin, reúne todas essas qualidades. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 96, carta n.º 60).

O cuidado com quem estiver à frente da direção geral é muito importante, pois é quem tomará todas as decisões na ausência de Marcelino.

Em uma reunião com 22 padres, são realizados os votos perpétuos e a “eleição do um superior geral da Sociedade de Maria”, que nesse dia foi “confirmado o cargo para o Padre Colin”. Essa nomeação visa ao “futuro digno do estado” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 153, carta n.º 109). Dessa forma, as obras do instituto só ampliam e conquistam espaços, na ocasião, em Lyon.

A complexidade das estruturas necessárias para o funcionamento do instituto também interfere nas atribuições dos irmãos e, para tanto, exige ampliação no escopo das instruções quanto à educação para todos.

Um ponto interessante na formação dos irmãos está atrelado aos requisitos da profissão de professor por parte dos irmãos destinados às escolas. No entendimento de Champagnat (1999, carta n.º 33) as autoridades da região de Millery/Rhône não têm o direito de exigir documentos além dos que o irmão tem com ele, pois um professor que dispõe de um certificado tem como direito

um auxiliar pelo qual é responsável. Nenhum dos estabelecimentos tem qualquer constrangimento nesse sentido.

## 2.2 As instruções destinadas aos professores

Durante o estudo, é possível perceber que a formação desenvolvida no Instituto perpassa por vertentes religiosas e pelo exercício do magistério. Por muitos anos acontece dessa forma, pois os irmãos são os formadores das práticas pedagógicas e têm eixos da formação da pessoa, da comunidade. O zelo e o amor se materializam na prática catequética, na vida religiosa e na aprendizagem dos trabalhos manuais.

Identifica-se, ao longo das leituras das cartas, a importância da função do professor e a aquisição do certificado, que é uma exigência para as escolas na França. Para Champagnat (1999, carta n.º33), é fundamental que os irmãos tenham o certificado de professor. Para isso, precisam passar por um exame, na cidade de Saint-Etienne, com a participação de muitos professores que vêm de toda a região francesa. A preparação dos irmãos para essa avaliação é feita por Marcelino Champagnat, pois acredita que a rigorosidade levará a um resultado satisfatório.

O nome pensado é “irmãozinhos de Maria”, que, para Champagnat (1999, p. 65, carta n.º 33) “bastaria para atrair muitas pessoas. O êxito rápido em poucos anos justificou minhas conjecturas e superou as expectativas”.

Na carta n.º 113 (1999), destinada para o Conde Antoine Nicolas de Salvandy, fala sobre o pagamento dos professores. Para Champagnat (1999),

a finalidade de a Associação proporcionar aos municípios rurais o meio de ministrar, a baixo custo, os benefícios da instrução aos filhos de seus habitantes, reduziu ao mínimo o custo de cada Irmão professor, na maioria dos seus estabelecimentos, as duas subvenções autorizadas em lei, sob as denominações de salário e mensalidades ficando reunidas num único total, o desconto de 1/20 que a lei prescreve sobre o salário dos professores para a caixa econômica e o fundo de previdência, diminui demais o salário anual dos irmãos. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 159, carta n.º 113).

Um das preocupações com os irmãos é a questão da redução do salário, que poderá faltar em uma necessidade, durante o trabalho nas escolas, lembrando que estão distantes da casa principal de formação. Mesmo com toda essa situação, Champagnat se preocupa com o projeto de escola e a proposta

educativa. Nada deverá interferir na missão, como se percebe no trecho: “Aconteça o que acontecer, senhor Prefeito, esteja certo de que não pouparemos esforços para que sua escola prospere, tendo nós que acudir com pessoal docente em proporção ao desenvolvimento dela” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 136, carta n.º 92)

É importante considerar que a formação destinada aos professores se revela nas cartas e nos registros encontrados como um instrumento de suma relevância para a abertura de novos espaços. Percebe-se que a procura pelos professores que atuam nas escolas maristas se torna cada vez mais frequente. A forma de educar, talvez, seja o ponto central para tais buscas.

Muitos são os investimentos realizados nas obras conduzidas por Champagnat, e manter uma quantidade de colaboradores exige uma vida financeira sem percalços. Na carta n.º 145, Champagnat (1999, p. 192) agradece ao “Senhor Hippolyte Jayr, prefeito do Departamento do Loire” a quantia doada, que tem um bom direcionamento para impulsionar a Sociedade. Ainda assim, solicita o mesmo benefício para os outros estabelecimentos que se encontram sob sua responsabilidade. Vale frisar que esse mesmo prefeito, anteriormente, havia solicitado educadores maristas, o que remete a um olhar para o investimento de profissionais desejados no mercado.

A formação em que os professores estão imersos busca contemplar, além da parte espiritual, os conhecimentos da língua materna e das habilidades manuais. Assim,

um estabelecimento de nossos irmãos em sua paróquia seria, sem dúvida, de interesse para nossa Sociedade, porque serviria para centralizar os demais estabelecimentos que temos nas proximidades, mas não vejo a possibilidade de lhe fornecer irmãos neste ano, nem sequer no próximo. Se o senhor não puder esperar por mais tempo, é melhor que providencie professores de outras proveniências (CHAMPAGNAT, 1999, p. 191, carta n.º 144).

Também se percebe uma demanda curiosa, solicitações de bons antecedentes que ocupam o lugar de algumas das cartas, como é o caso do trecho “Nosso caríssimo Irmão De La Croix, diretor da escola de Semur, me solicitou por escrito um Atestado de Bons Antecedentes, a fim de completar as formalidades requeridas para ele obter a autorização de funcionar como professor municipal” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 136, carta n.º 92).

Com a expansão do instituto, a instrução se torna uma frente de atuação para que a demanda seja atendida com excelência. E, mesmo com a procura quanto ao ingresso de jovens para compor a congregação, se torna quase impossível suprir o tamanho da demanda, abrindo possibilidade de atuação como professores leigos. Em 1835, há registros dos primeiros leigos certificados para o exercício.

### 2.3 As instruções com foco na educação de crianças e jovens

O instituto, desde a sua constituição, estabelece princípios norteadores que pautam a educação de crianças e adolescentes como centro de uma missão evangelizadora. Para o fundador, a educação é o meio para promover uma transformação social na vida dos jovens, principalmente os que são oriundos da zona rural. Uma preocupação manifestada também está na forma como a escola da época atua no processo de ensino. Muitos professores atuam com o modelo do “improvisado” e isso impulsiona uma mudança de prática a partir da desconstrução do método de leitura vigente, partindo para os “princípios de Leitura”. Adota-se a participação ativa dos alunos no ensino e busca-se promover uma educação pautada na fé, inserindo no cotidiano o ensino de canto e abolindo os castigos severos aos alunos. Nesse período, o instituto se aproxima dos estudos quanto ao método simultâneo já disseminado na Europa.

Vale frisar que o método surge no final do século XVII e traz direcionamentos quanto à organização das classes. Lessage (1999) nos ajuda a compreender sua materialidade quando explica que:

O Método simultâneo é coletivo e apresentado a grupos de alunos reunidos em função da matéria a ser estudada, (...) o ensino não se dirige mais a um único aluno, como no modo individual, mas pode atender a cinquenta ou sessenta alunos ao mesmo tempo. Esse ensino (...) comporta em nível de estrutura, três classes sucessivas, a primeira é consagrada unicamente à leitura, (...) a segunda destina-se a aprendizagem da escrita, (...) na terceira classe, são abordadas as disciplinas mais complexas elaboradas: gramática, ortografia e cálculo (LESSAGE, 1999, p.10-11).

Neste tópico, abordar-se-á o sentimento do cuidado como marca central na perspectiva do ato de educar crianças e jovens que se faz presente nos registros das cartas do fundador. Para o fundador “educar era um ato de amor”

e esse sentimento se projetava no cotidiano das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos irmãos (MISSÃO..., 2003).

Pode-se perceber, em alguns trechos das cartas, que a formação dos jovens perpassa uma etapa espiritual, humana e técnica, uma perspectiva de ensino ancorada na dedicação e no amor. Na visão de Champagnat (1999, carta n.º 3), ter uma escola com o quadro de dois mil alunos matriculados é um reconhecimento do trabalho e dedicação de todos os irmãos na missão a que foram destinados, mas também se pode perceber que a qualidade do ensino poderá ser um elemento considerável na escolha pela instituição, daí o resultado da procura pelo ensino.

Em 1836, a procura pelo instituto é uma constante. Na cidade de Saint-Didier, em que é demandada a presença de irmãos maristas que atuarão em um estabelecimento que conta com 260 alunos participando das aulas, para Champagnat (1999, carta n.º 75), conforme se apresenta na carta n.º 75, a grande preocupação é manter esse número marcante de alunos, sabendo que os irmãos haviam chegado a esse estabelecimento há oito dias.

É possível aferir da carta n.º 172 (1999) a preocupação dos irmãos quanto ao material utilizado. Encontra-se um trecho na carta “Em uma visita feita aos irmãos das escolas Cristãs verificou que eles possuíam um material muito bom” [...], “pedi a eles que, por favor, nos vendessem seus livros de aula a um preço igual àquele que cobram dos próprios estabelecimentos” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 280, carta n.º 172). Para acontecer a venda desses materiais, terá que consultar o conselho. Depois que o conselho aprova a venda do material, o valor é o mesmo repassado para os alunos que estudam nas escolas cristãs. Contam com 9 cadernos com os seguintes valores: Gramáticas - 68, Soluções - 50, Ditados - 88, Desenho Linear - 1,05, Exercícios - 68, Deveres do Cristão - 85, Aritméticas - 78, História da França - 98, Geografia - 83. Como há diferentes valores de cadernos, é pedido aos irmãos que avaliem a compra (CHAMPAGNAT, 1999, p. 230, carta n.º 173).

O instituto possui claramente um modelo instrucional de ensino. Na carta n.º 37 (1999), Champagnat, em resposta a questionamentos quanto aos usos e costumes da obra, sinaliza a opção assumida e descreve:

1.º) Os irmãos usam o método simultâneo e a nova pronúncia. 2.º) Ensinam o catecismo, a leitura, a escrita, os rudimentos da gramática francesa, contas e o sistema legal de pesos e medidas. Ensinam ainda

os elementos de geometria (entenda-se: agrimensura), desenho linear, canto e elementos de história e de geografia. (CHAMPAGNAT, 1999, p.70, carta n.º 37).

Esse método é repassado pelos Irmãozinhos de Maria, lecionando para crianças e jovens menos favorecidos e pertencentes ao setor agrário em toda a França. O foco de atuação do instituto, como citado anteriormente, é a zona rural, o que é reforçado em parte da carta n.º 319 (1999): “Nossa instituição exercia sua atividade inteiramente em benefício dos meninos pobres das zonas rurais e cidades pequenas” [...]. “Ao menor custo possível queremos proporcionar a eles a instrução cristã e religiosa que os irmãos das Escolas Cristãs ministram com tão bons resultados aos alunos das grandes cidades” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 405, carta n.º 319).

Percebe-se que as cartas também são instrumentos de negociação, pois a necessidade de captação de parceiros financeiros se torna constante. Na carta n.º 335, Champagnat negocia com pároco de Tence e utiliza outro município como referência a fim de explorar taticamente possibilidades de convencimento. O trecho diz: “Embora pequeno, o município de Saint-Julien de Molhesabate conseguiu criar uma renda de 1000 francos em favor de seus meninos pobres. Será que o de Tence vai recuar diante de 600 francos?” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 423, carta n.º 335).

É possível perceber no conteúdo disposto que a relação negocial depende das condições do instituto. Principalmente nas questões financeiras e na contrapartida oferecida, a educação nem sempre consegue ser gratuita e necessita de números de alunos pagantes, como se apresentam os argumentos nos trechos retirados da carta n.º 335, em que Champagnat se posiciona e situa os modos operantes do instituto.

Tivemos ocasião de nos encontrar com o Superior do Seminário Maior do Puy e de lhe falar de seu estabelecimento. Ele nos disse que o município dava a entender que entraria com uma subvenção de 600 francos, mas que à parte esta quantia, o senhor não teria outros recursos senão através das contribuições mensais. Estou com muito receio que sua obra não terá muita base, se contar só com esses ‘fundamentos’. O município pode tornar-se menos favorável e não contribuir mais do que com os 200 francos exigidos por lei. O número de alunos pagantes pode cair sensivelmente e provocar deste modo um grande déficit na receita. Há outro aspecto: a experiência nos demonstrou que os estabelecimentos que se veem reduzidos a esses únicos recursos desaparecem ou, no mínimo, se sustentam com muita dificuldade. Além disso, como a população é numerosa, são necessários de saída quatro irmãos; e como conseguir 1.000 francos com as contribuições dos alunos? Para que seu empreendimento

iniciasse com solidez, seria preciso que, além dos 600 francos do município, o senhor conseguisse criar uma renda anual de mais 600, mediante a cooperação de pessoas remediadas e caridosas. Deste modo, o pagamento de três irmãos estaria garantido e o senhor poderia ter duas classes de alunos gratuitos, coisa muito importante em qualquer localidade onde a população é numerosa. Seria fácil conseguir fundos para o sustento de um quarto irmão, se houvesse uma terceira aula de alunos pagantes, filhos de pais remediados, e escolares de um nível mais elevado. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 423, carta n.º 335).

Não se pode negar que o perfil de gestor com habilidades negociais de Marcelino é determinante na consolidação do Instituto e de sua expansão pelo mundo. O poder argumentativo, a postura segura e determinada garantem o estabelecimento de parcerias por onde passa. No trecho da carta n.º 206, é notável a argumentação utilizada fazendo sempre referência à gratuidade do ensino e seus impactos.

Quando as escolas são gratuitas, sempre funcionam melhor e a formação é feita com mais facilidade. Portanto, para nosso interesse preferimos as escolas que nos oferecem essas vantagens. Por ora, temos ofertas dessas escolas em maior quantidade do que as que podemos manter; contudo, como estamos muito empenhados em favorecer a diocese de Grenoble, estamos dispostos a fazer todos os esforços para atender a seu pedido o mais cedo possível, se os recursos de que dispõe nos derem bastante segurança para podermos ir fazer o bem na sua região. É este o nosso único desejo. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 279, carta n.º 206).

Também se pode perceber, em outro trecho da carta n.º 287, que a postura é parecida, mostrando sua preocupação em se posicionar de forma clara, objetiva e humilde, pois reconhece a posição do outro e se coloca em ação para mediar o processo e ajustá-lo na busca por uma satisfação de ambos os lados.

No que diz respeito às reclamações de nossos irmãos, devo ainda observar, senhor Pároco, que a modicidade do que estamos recebendo não nos permite receber alunos gratuitos vindos de municípios vizinhos. Em todas as nossas escolas, as contribuições mensais pagas por tais alunos entram como um reforço, suplementando os poucos recursos dos irmãos. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 366, carta n.º 287).

Notadamente se observa, ao se debruçar nas leituras que o público ao qual se destinavam as cartas, em grande medida, é composto por pessoas influentes que poderão contribuir significativamente com a permanência e fortalecimento dos estabelecimentos. Na carta de n.º 297, o destinatário é o vigário geral e as palavras utilizadas entoam o respeito e o cuidado na condução,

o que se revela sempre no estilo utilizado, de acordo com o conteúdo, o momento temporal e o tipo de autoridade que receberá.

Senhor Vigário Geral, Desde que o senhor Bispo teve a bondade de aceitar nossos irmãos para ministrarem o ensino aos meninos de La Côte-Saint-André, tiveram eles a liberdade de assistir gratuitamente junto com seus alunos internos, na Capela do Seminário Menor, às Vésperas e aos demais Ofícios solenes. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 376, carta n.º 297).

Com o decorrer do tempo e passando-se os anos, a quantidade de estabelecimentos e de alunos só aumenta. A procura é por escolas confessionais, pois nessa época a Igreja comunica um ideal de formação humana, uma concepção bem aceita pelas comunidades. Em 1836, o Instituto já possui quatro mil alunos matriculados. Com uma visão futurística, Champagnat sugere alguns direcionamentos que julga serem importantes, como se pode perceber no trecho da carta n.º 103 adiante:

[...] a aula com os pequeninos; depende de você formar na religião todos os meninos aos quais está ensinando; depende de você que o céu se abra ou se feche para eles. Tenha em mente, portanto, meu caro amigo, levá-los ao bem, rezar por eles e procurar incutir bem forte o amor de Deus em seus coraçõezinhos. Reze todos os dias, antes de começar a aula, três Ave Marias. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 147, carta n.º 103).

Também acolhe os processos organizacionais do estabelecimento e exige o seu registro, pois acredita que é necessário o dado. Isso é partilhado com todos os irmãos nas circulares, como é possível observar no conteúdo trazido no documento n.º 210,

[...] redijam o histórico do estabelecimento, relatando os acontecimentos mais importantes do ano: número de alunos que frequentaram a escola no inverno e no verão; as visitas dos inspetores ou de outras autoridades etc. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 283, circular n.º 210).

Por se tratar de uma escola confessional, além da dedicação à escrita e às questões numéricas, a prática das orações antes do início da aula é um dos elementos da formação, pois se entende que a oração coloca o sujeito a serviço, tornando-o um bom cristão e um virtuoso cidadão. Champagnat, sempre que pode, faz referência à importância do cuidado. No trecho retirado da carta n.º

305, nota-se a preocupação com que a qualidade do atendimento perpassa os argumentos utilizados para cada tomada de decisão.

A princípio também nós tínhamos resolvido receber em L'Hermitage alunos externos e alguns internos. Fomos obrigados a abandonar a ideia, porque uma tal situação acarretava a perda de um número significativo de noviços. Ficou evidente que o prejuízo era de todos. Chegamos ao ponto de nos ver obrigados a separar os postulantes dos irmãos. Só desta maneira é que pudemos colocar ordem em nossa casa e conservar nossos candidatos. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 384, carta n.º 305).

A educação dos jovens é uma opção assumida desde os primórdios, pois atuar na transformação da sociedade perpassa mudar cultura, e isso acontece quando o foco está na base. Ser presença, para Champagnat, é estar junto às crianças e aos jovens, demonstrando que nos importamos com eles e com suas necessidades.

As condições estruturais também são medidas e apontadas, como se pode observar nos trechos da carta n.º 315 (1999).

O refeitório assim como a adega devem ser proporcionais ao maior número de alunos internos. O primeiro andar deve ter dois ou três quartos e um salão-dormitório que comporte umas quarenta camas com um metro de distância entre as fileiras. Convém abrir nos quartos dos irmãos uma comunicação em forma de janelinha, através da qual poderão observar e vigiar os meninos no dormitório. As instalações sanitárias devem estar dispostas em tal lugar que os irmãos possam vê-las de lá da aula...Para tanto, é preciso que haja no rés-do-chão uma cozinha, uma copa, um refeitório e duas grandes salas contíguas separadas por um biombo envidraçado, que pegue toda a largura das salas. Altura: um pé e meio ou dois e a uma altura conveniente, de maneira que os irmãos possam se ver um ao outro. Ao meio deste biombo deve haver uma porta envidraçada. É preciso que a primeira destas duas salas possa conter 60 alunos, que estão aprendendo a escrever; a segunda, uns 70 a 80, que estão aprendendo a ler. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 400, carta n.º 315).

Champagnat, para acompanhar o progresso das escolas, visita todas elas anualmente e, quando verificada alguma dificuldade, essa escola passa a ser visitada a cada três meses. A preocupação é manter a qualidade do ensino e, com isso, a solidificação da proposta marista. Com o aumento das unidades escolares, alguns irmãos são nomeados supervisores, responsáveis pelas visitas e pelo envio dos relatórios para a casa mãe, pois Champagnat quer saber do andamento de como o instituto está se comportando para intervir quando

necessário. Fica claro que o controle das situações é uma marca de sua gestão carismática.

No próximo capítulo será abordada a expansão das escolas e os argumentos marcantes nas cartas, determinantes para a tomada de decisão.

### **3 ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS E EXPANSÃO DO INSTITUTO: ARGUMENTOS DETERMINANTES PARA NOVAS CRIAÇÕES**

O empenho e a dedicação de Marcelino Champagnat em tornar o instituto conhecido por todos é uma das marcas presentes nos registros de sua vida e obra e, talvez, possa ser considerada, a partir da análise de cenários, uma das estratégias atuais de gestão de negócios. Essa conduta decisória é utilizada com a intenção de solidificar sua presença nos territórios e garantir sua expansão ao longo do tempo. Registros encontrados apontam que Marcelino Champagnat foi um homem visionário e, mesmo não sendo intencional, age como um estrategista. Suas tomadas de decisões, em grande medida, repercutem para consolidar e expandir o Instituto.

Neste estudo, as cartas são tomadas como fontes importantes para compreender os fatos a partir do problema levantado, revelando, nos conteúdos, pistas quanto ao cenário econômico, político e social que anunciavam perspectivas de novas escolas sustentadas pelas procuras sinalizadas por padres ou prefeitos daquela época.

É importante frisar que este universo investigativo, revivendo fontes com marcas de um tempo histórico, ao se debruçar em seus conteúdos e aferir o olhar interpretativo, possibilita ampliar as conexões e os pontos de vistas emergentes do pesquisador. Aqui a fonte utilizada está classificada como um documento subjetivo em uma relação que transitou da condição de privado para público, além de possibilitar, a partir do objetivo, um recorte e uma categorização do que olhar e por que aferir sobre ele.

Ao longo da pesquisa, considerando o processo de apropriação dos conteúdos, encontram-se duas subcategorias construídas. São elas: abertura das primeiras escolas, encontrada nas cartas com assuntos associados às primeiras escolas e às suas exigências para abertura; e expansão: argumentos determinantes na abertura de novas escolas, apresentados nas cartas que anunciam condições das escolas estruturais e organizacionais; infraestrutura: pessoas, indicações e busca por parcerias, custo por aluno, autorização de funcionamento e acompanhamento e avaliação dos processos das escolas são pistas no tocante à expansão do instituto.

Nesta construção, Bardin (2015) ajuda a tecer a interpretação, colaborando com seus estudos acerca da análise de conteúdo, em que entende ser uma técnica utilizada há mais de meio século, por meio de estudo e análise das comunicações, sobretudo a observação e o aperfeiçoamento dos materiais e aplicações.

Assim, para a autora, os métodos da análise de conteúdo correspondem aos objetivos: ultrapassagem da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo estar muito pessoal, ser partilhado por outros? E enriquecimento da literatura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdo e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não detínhamos a compreensão. (BARDIN, 2015).

Percebe-se que todos os documentos do Instituto canalizam para um desenho formatado quanto ao que se pretendia, o porquê e como concretizar. Essas perguntas dão corpo a um planejamento sustentado por estudos, por exemplo, a escolha pelo atendimento na zona rural também parte de uma análise territorial, haja vista que as escolas cristãs estão instaladas nos povoados com maior população e as comunidades pequenas não possuem assistência, tornando-se uma oportunidade para desenvolver uma base missionária. Essas comunidades contam com a presença de muitos jovens que poderão ingressar na vida religiosa. Esse é um fator marcante da época, quando as famílias tinham apreço por seus filhos seguirem como religiosos.

Assim, adentrando na vida religiosa e seguindo seus votos, o sonho de criar um Instituto torna-se mais palpável. É notório que a rigorosidade e a determinação do fundador são fatores que contribuíram para a abertura e consolidação do Instituto. De acordo com os registros, o primeiro estabelecimento é uma casa de formação em La Valla, no ano de 1816, que, com o tempo e a procura pela população, se torna pequena e, assim, a segunda casa é constituída com o nome de “Nossa Senhora de L’Hermitage”, em 1824. A peregrinação pelos territórios rurais promove uma inserção dos irmãos nas escolas, por diversas partes da França, tanto que, em 1833, o instituto possuía

82 irmãos ensinando em 19 escolas, com aproximadamente 2.000 alunos em formação.

Entende-se, em alguns trechos, que a competência do fundador em realizar uma análise de cenário e de contexto ajuda na tomada de decisão em seguir ou recuar na questão relativa à abertura de novas escolas. Os registros, todavia, indicam pistas, intenções e indicativos que levam a interpretar que Champagnat é um líder, uma referência imponente que traça planos de curto e médio prazo. Pode-se dizer que é persistente e constrói seus diálogos pautados em pensamentos fortes e argumentativos, envolvendo sonhos, dados e visão de futuro.

Champagnat, em pouco tempo, consegue investimento para manter o grupo em formação. Embora as condições não sejam as melhores, com muita perspicácia e dedicação os irmãos seguem em missão. O projeto assumido é desafiador, pois a execução estrutural se assemelha à proposta Lassalista<sup>6</sup>, a qual estava em execução, mas a intenção de Marcelino é executá-la com um custo menor, tendo em vista que assumem o trabalho em média com dois irmãos e não três, diminuindo os custos para os municípios e a igreja que os contratava. Talvez aqui surja mais um conceito ligado à função empreendedora, gerando, mesmo que sutil, uma concorrência, tornando aos olhos do contratante um negócio viável e com um custo menor do que o praticado. Também se pode incluir, possivelmente, uma noção de *marketing*, pois se torna necessário vender a ideia com sabedoria e encantamento para gerar consumidores da proposta ou até mesmo simpatizantes e defensores dela.

Observa-se que, no princípio, as cartas também ganham um papel de propaganda, anúncio do projeto e sutilmente, negociação que, com os anos, fica latente por este meio de comunicação. Ao se categorizar quanto ao endereçamento, muitas cartas são para prefeitos, intermediadas pelos párocos, e as solicitações, em grande medida, pedem educadores maristas ao instituto ou a abertura de novas escolas em seus territórios. Na carta n.º 143 (1999), enviada

---

<sup>6</sup> A Congregação Lassalista foi fundada por São João Batista de La Salle no século XVII, cujo carisma era a educação. Seus membros também eram chamados de irmãos. A atuação inicial na educação se deu nas Escolas Cristãs. Sua proposta organizacional atendia com três irmãos, um trabalho de educação para meninos com formação para a vida religiosa. Disponível em: <https://lasalle.edu.br/paodospobres/sobre-o-colegio/projeto-pedagogico>. Acessado em 06 fev. 2020

ao Bispo Dom Alexandre Raymond, Champagnat (1999, p. 188, carta n.º 143), além de agradecer a solicitação quanto à estrutura cedida para um nova obra, argumenta, a partir de suas impressões, que não é o momento de começar a obra em “Saint Didier”, apesar de contar com um espaço projetado para o funcionamento de uma escola que necessita de alguns reparos e adaptações, pois o segundo andar tem o teto muito baixo, de modo que um adulto tinha dificuldade de ficar totalmente reto. Esse será o espaço a ser utilizado para as formações e preparações dos noviços, porque o primeiro e o térreo já estão ocupados.

Outras demandas também exigem de Champagnat um diálogo frequente com os prefeitos, com o intuito de situá-los quanto às questões vivenciais do instituto. Em uma das cartas, Champagnat (1999, carta n.º148) responde ao prefeito Hippolyte, da cidade de Loire, que dois dos seus irmãos foram convocados ao serviço militar. O primeiro irmão não tem a altura exigida e está com hérnia; o segundo irmão sofre dos nervos e teve o corpo paralisado por seis meses e, após esse episódio, teve um tumor nos olhos, ficando quase sem visão, mas, embora com a formação incompleta, tem total condição de permanecer no ensino, com grandes contribuições.

Nas cartas também se nota, dependendo do conteúdo, uma certa sutileza no tratamento com as pessoas, principalmente em relação aos irmãos, tendo em vista o cuidado aparente com seus membros. Com toda atenção, Champagnat (1999, carta n.º 158) tem forças para encorajar os irmãos, apesar de todas as dificuldades que encontra, no financeiro, a busca por noviços, as aberturas de muitas escolas e a saúde sempre frágil, como relata na Carta n.º 158 (CHAMPAGNAT, 1999, p. 207, carta n.º 158) para o irmão Sylvestre, em La Côte-Saint-André: “Diga ao caríssimo Irmão Louis Marie que a situação dele não ficará sem bênção.”

Apreciar a solicitação, ou até mesmo decidir em avançar por novos territórios, é um momento de reflexão entre os irmãos, pois a cada nova escola, o instituto necessita de condições financeiras, de irmãos preparados para o desafio, além das exigências locais, quando o desejo de expansão é o da congregação. A situação é um pouco mais confortável quando há uma demanda de parceria, pois o cenário se desenha de forma menos complexa, haja vista que conta com o apoio da igreja ou dos municípios.

Vale destacar que, nos primeiros anos do instituto, as casas de formações são, na maior parte, responsáveis pela manutenção, principalmente no que se refere à formação e ao acompanhamento dos irmãos. Dessa forma, é comum perceber, de tempos em tempos, uma súplica no tocante às questões financeiras.

A expansão do instituto se dá via atuação de irmãos nas escolas cristãs e essa repercussão colabora de forma positiva, tendo em vista o resultado versus o custo, já que iniciam sua vida como educadores sendo cedidos e, aos poucos, vão sendo reconhecidos por seus valores religiosos e humanos. Em vários trechos das cartas, pode-se perceber que, no princípio, a instituição formava os educadores maristas e estes, ao serem solicitados, passavam a atuar como profissionais da educação, recebendo uma certa quantia, sinalizada pelo padre Champagnat, bem como infraestrutura que deveria ser subsidiada pelas instituições contratantes para acomodar os irmãos cedidos.

Vale frisar que a manutenção e abertura de novas escolas só é possível devido à contribuição dos membros da Igreja que, ao reconhecer a importância de uma escola naquela comunidade, auxiliam para sua execução, bem como os prefeitos. Toda essa articulação de parceiros se mantém por anos até o instituto conseguir uma autonomia financeira e, com isso, diminuir a dependência das contribuições por tais vias, pois também é cobrada dos alunos certa quantia.

Arguir sobre fatos exige do pesquisador uma sutileza que se conecta com uma interpretação de mundo e de fatos sustentada pelo conhecimento adquirido e resignificado. Para Bardin (2015), a análise de conteúdo de mensagens que deve ser aplicável – com maior ou menor facilidade, é certo – a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte, possui duas funções, que na prática podem ou não dissociar-se: a) uma função heurística, em que a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta; e b) uma função de hipótese, sob a forma de questão ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes, que apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação. (BARDIN, 2015).

Assim, o olhar acerca dos conteúdos e fatos presentes nas cartas ganha novos sentidos, pois a interpretação busca reviver o passado com outros olhos.

### 3.1 Abertura das primeiras escolas

Com o Instituto criado e alguns irmãos em formação, Champagnat ambiciona criar uma rede de escolas própria do Instituto, pois até então a instituição não possui condições financeiras para tal, iniciando suas atividades com a formação de irmãos que atuarão em outras instituições de educação.

Um fator importante de frisar diz respeito às definições desde o princípio sobre o tipo de serviço que o instituto ofertará, como, por exemplo, atuar na zona rural e atender meninos. Aos poucos, porém, outras questões elementares vão compondo a missão e as futuras diretrizes da instituição.

A partir dos registros, considera-se que a primeira escola instituída pela congregação assume a responsabilidade em formar jovens rurais para o exercício de religiosidade. Com o passar do tempo e a divulgação pelo padre Champagnat em outras regiões, surgem as primeiras solicitações de irmãos educadores para atuarem em escolas. Algumas exigências são sinalizadas quanto ao envio desses educadores, como se pode observar na carta n.º 9 (1999):

1.º) Respondi ao senhor cônego que teríamos prazer em fundar na sua região uma ou duas casas, com o único objetivo de trabalharmos para a glória de Deus e aumentar o número dos filhos de Maria; 2.º) Respondi que por volta da festa de Todos os Santos, poderíamos destacar quatro Irmãos para Annecy; 3.º) Fiz saber que a Casa Mãe só pede que paguem os gastos de viagem e que ela sempre reserva para si o direito de dispor de seus membros, de acordo com o bem geral que a Sociedade exigir, seja qual for a região em que se encontrem; 4.º) Pedimos para os Irmãos, em cada lugar onde forem, uma casa espaçosa, bem arejada e saudável; salas de aula amplas, de acordo com o número de alunos, um quintal para os Irmãos se distraírem trabalhando; mobília de dois mil francos e cem francos anuais para a sua conservação; 5.º) Solicitamos sejam pagos mil e seiscentos francos por ano, para quatro Irmãos. Em alguns lugares, permitimos que cobrem pequenas contribuições dos pais remediados, para cobrir uma parte dos gastos do estabelecimento. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 36, carta n.º 9).

Nenhum novo estabelecimento é iniciado sem uma avaliação de todos os pontos. Percebe-se que, em razão das distâncias, as cartas assumem também reflexões que geram um olhar desde as condições financeiras até o perfil dos irmãos que poderão vir a assumir a nova escola. De acordo com a proposta do instituto, deverá haver pelo menos dois irmãos habilitados para o deslocamento. Pensando nisso, é de praxe a preparação de sucessores e isso também se pauta

nas cartas. Na carta n.º 22 (1999), Champagnat informa: “Mandar-lhe-ei outro Irmão. Ele se desincumbirá tão bem quanto este que o senhor tem, pois conseguiu aprovação em todos os seus estudos”. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 50, carta n.º 22).

O anúncio e a celebração de um novo estabelecimento, ou até mesmo a continuidade de uma escola já em funcionamento, às vezes exigem cautela, demandando um tempo, principalmente do fundador. Na carta n.º 125 (1999), percebe-se uma posição quanto à expansão. Champagnat (1999, n.º 125) diz:

Julgamos que não poderemos fazer nada para sua escola, enquanto não mudar de lugar. Ficar defronte à praça pública é por demais desconfortável para nossos Irmãos; vários já perderam a vocação; ninguém mais quer ir para lá. Pois vivem por assim dizer no meio da gente da praça e, naturalmente, presenciam muitos escândalos. Os meninos não podem ser bem atendidos no meio de tantas ocasiões de dissipação. Para que a escola andasse direito seria preciso escolher um local em que se pudessem receber alguns pensionistas, longe do barulho, a fim de que a vigilância fosse facilitada, mesmo que funcionasse numa casa de aluguel, enquanto não se tem um lugar apropriado. Faremos então tudo o que depender de nós para que seu estabelecimento ande direito e se torne um dos melhores. (CHAMPAGNAT, 1999, p.171, carta n.º 125).

Como se pode perceber no trecho da carta n.º 125 (1999), Champagnat é incisivo em suas definições e, mesmo diante das adversidades, o resultado e a qualidade não podem ser reduzidos. Acredita e, portanto, exige que os irmãos sejam exemplo de amor, dedicação e que os valores estejam presentes em suas atitudes. No caso das transações para abertura de novas escolas e/ou ampliações, deixa claro que, se as condições que andam ruins não sofrerem mudanças, não haverá negociação.

### 3.2 A expansão: argumentos determinantes na abertura de novas escolas

O perfil pragmático e organizador de Marcelino, características marcantes em sua vida e visivelmente expressas em seus posicionamentos, dá condições para uma idealização quanto ao que se espera de uma escola Marista. Pode-se notar em alguns trechos das cartas a preocupação por parte de Champagnat (1999) em definir um modelo organizacional que possa representar os ideais do instituto, assim anuncia e reforça as exigências mínimas esperadas como: salas amplas, bem arejadas, de acordo com as necessidades dos educandos de 6 anos, 7 anos, 8 anos e noviços, com quintal para momentos de intervalo, atendendo as comunidades pertencentes às escolas rurais, dirigida por professores Irmãozinhos de Maria, que têm como ponto de partida a religiosidade, o ensino simultâneo em lugares retirados tendo um vida virtuosa. Desta forma, para a abertura de uma escola, Champagnat (1999) deixa claro que, sem o atendimento dos itens, não há nenhuma possibilidade de negociação, o que permite inferir sua firmeza enquanto liderança e, mesmo diante de necessidades, não negocia qualquer custo. A posição do instituto é de não abrir nenhum estabelecimento que não tenha bases sólidas, pois é disso que depende o bom resultado da fundação. (CHAMPAGNAT, 1999, p.163, carta n.º 117).

Como é possível notar até aqui, o universo das cartas de Champagnat contempla um arcabouço de 339 cartas escritas em um espaço de tempo de dezessete anos e com uma diversidade de assuntos, o que nos exigiu um recorte, utilizando Bardin como referência metodológica, possibilitando um trabalho a partir de categorias, em especial neste capítulo em que o foco serão os conteúdos os quais indicam ou insinuam argumentos para a abertura de novas escolas que dão, aos poucos, sustentação para a consolidação do Instituto Marista. Para Bardin (2015), a técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação de respostas a perguntas abertas de questionário cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. Para a autora, a análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo.

É importante frisar que as subcategorias foram construídas a partir das leituras e depois agrupadas por proximidades de conteúdo. Adiante serão abordadas subcategorias acerca das condições estruturais e organizacionais envolvendo espaço, tempo, pessoas e investimentos.

### 3.2.1 Condições das escolas estruturais e organizacionais: infraestrutura

Talvez, desde as primeiras cartas, o termo “condições de escolas” tenha sido pautado. Esse é um conteúdo que aparece em vários trechos, ficando forte a ideia de qualidade no atendimento e como condição para um resultado positivo, que se esperava conquistar. Em muitos trechos encontram-se referências quanto às condições estruturais que se conectam à ideia de qualidade, como se pode perceber na carta n.º 8, quando Champagnat (1999) chama a atenção “Quanto à mobília, o prefeito e senhora se encarregaram de fornecê-la. A senhora se esmerou em colocar à disposição dos Irmãos camas boas com os respectivos colchões”. (CHAMPAGNAT, 1999, p.35, carta n.º 8).

Também se nota a preocupação em definir um parâmetro de qualidade, na carta n.º 34. O trecho movimentava uma ideia clara e objetiva acerca das condições necessárias para a execução do trabalho, nem mais e nem menos é esperado por Champagnat, mas o atendimento às exigências, para ele, é uma questão emergencial que precisava ser considerada.

Algumas condições para abrir escolas: Em 1824, sob a proteção do senhor bispo administrador da diocese de Lyon, ajudado por aquele Prelado e pelos homens de bem da região, construí, perto da cidade de Saint-Chamond, uma casa ampla para nela estabelecer a escola normal da novel Sociedade. Setenta e dois membros desta casa já estão empregados em um número razoável de municípios sem contar uns quarenta noviços muito esforçados que se preparam para seguir os passos dos primeiros. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 66, carta n.º 34).

Destaca-se que a estrutura ocupa um lugar importante e isso se revela nos posicionamentos, principalmente quando o instituto é procurado e/ou em uma oferta negocial para o estabelecimento/ampliação de parcerias. Na carta n.º 97, Champagnat (1999) é mais detalhista, pois traz até indicativos quanto à disposição dos cômodos para melhor atender.

Quanto à construção, nossa ideia seria de situar no andar térreo as salas de aula, o refeitório, a cozinha e a sala de visitas. Haveria seis janelas, com vidraças, de cada lado do edifício, e o mesmo tanto no primeiro andar, o que daria um total de 24. Para cada sala de aula seriam suficientes as dimensões: 20 pés por 24 ou 22 por 22. O refeitório deve ser bastante amplo para que nele possam tomar as refeições os Irmãos e os meninos que, para a tranquilidade dos pais, lanchem e durmam na casa. Doze pés para a sala de visita e mais ou menos outro tanto para a cozinha seriam suficientes. Uma parede de tijolo simples entre as salas de aulas será melhor do que um corredor. Deste modo, a comunicação será mais fácil e os Irmãos poderão agir mais conjuntamente, o que contribui, sobretudo, para a harmonia e a boa ordem nas salas de aula. (CHAMPAGNAT, 1999, p.142, carta n.º 97).

Os detalhes referendados por Champagnat, principalmente quando se trata das condições dos estabelecimentos, tornam-se ao longo do tempo uma questão elementar para se pensar em uma nova escola. Fica evidente, e utiliza-se o trecho da carta n.º 124 para exemplificar, que na expansão não há espaço para adaptação improvisada: ou se atendem as exigências ou não haverá implantação.

Precipitar-se é fazer fracassar completamente um estabelecimento. Peço-lhe, senhor Vigário Geral, que não leve a mal se diferirmos de alguns meses a abertura deste estabelecimento, mesmo porque nada está pronto ainda, ao passo que temos uma porção de pedidos para lugares já totalmente aparelhados. (Champagnat, 1999, p.170, carta n.º 124).

Assim, a subcategoria “estrutura física” se faz presente em vários momentos durante o período das cartas e assume um valor que se torna uma das composições para se alcançar um trabalho com qualidade e uma das condições materiais ou pré-requisito para a expansão de novas escolas. Percebe-se que o fator “território” escolhido pelo instituto para atuação também corrobora para uma exigência de condições de estrutura: estar instalado na zona rural, um lugar por vezes esquecido pelo autoridades governamentais e que exige sabedoria e expertise para lidar com as faltas, por exemplo, as doenças e seus cuidados. Estes, por exemplo, também um ponto frequente nas cartas, pois os irmãos são alvo, em vários momentos, de perda das condições de saúde que nos parece estar associada às condições de infraestrutura e insalubridade. Adiante, será tratado da subcategoria pessoas.

### 3.2.2 Condições estruturais e organizacionais: Pessoas

Desde o princípio, o instituto inicia suas atividades a partir da constituição de um grupo de pessoas que se interessam em compor um ideal de missão e esse talvez seja o primeiro indicador aparente: formar pessoas que levem o ideal da instituição a outros territórios, até se afere que, sem o corpo de irmãos, nada seria possível.

A formação desses irmãos, todavia, também perpassa por condições de ser liderança, exemplo e missionários, e segue em um dado momento a partir da vivência, considerando que experienciar o cotidiano também é parte do processo de aprendizagem. Com isso, em vários trechos, percebem-se indicações de aumento no quadro de irmãos nas escolas ou até mesmo troca de irmãos, como também o de dispensa. Nesse caso, nem sempre os motivos ficam aparentes nas cartas, mas, em alguns, a posição a partir de um apontamento quanto à conduta dos irmãos gera de imediato uma resposta, como na carta n.º 22, em que diz: “Mandar-lhe-ei outro Irmão. Ele se desincumbirá tão bem quanto este que o senhor tem, pois que conseguiu aprovação em todos os seus estudos”. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 50, carta n.º 22).

Percebe-se, com base nos conteúdos, que o avanço do instituto provoca um olhar acurado quanto à postura dos irmãos e suas entregas, o que gera uma avaliação por parte dos apoiadores quanto à permanência desses formadores nos estabelecimentos. Champagnat (1999) busca acolher os apontamentos e mobilizar uma estratégia para a solução do conflito. Em um dos retornos, mais precisamente o sinalizado na carta n.º 28, a indicação anuncia que o Irmão atuará de acordo com o parecer e tomará juntamente com o responsável as medidas para a escola ir para frente. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 50, carta n.º 22).

Também é curioso perceber que há, em algumas respostas de Champagnat, um recuo da postura imponente e rígida. Nos trechos acima, a tentativa de, em alguns momentos, não encerrar a parceria e atender as solicitações pela troca de algum irmão nos leva a inferir que há uma leitura de contexto que conduz à sua flexibilidade, mesmo não sendo tão visível essa postura de gestão. Deduz-se que sua conduta mediadora e, por vezes realizando leituras de cenários, possibilita uma decisão mais apaziguadora, mantendo uma

relação de confiança. Saber recuar em situações difíceis é uma estratégia, por vezes visíveis de identificar, como se pode perceber nos trechos da carta n.º 28.

Voltando de Belley, falei com o Padre Gardette a respeito de estabelecimento que estava para abrir. Ele me fez ver que seria melhor esperar o regresso do Padre Cholleton, tendo em vista também que os meses de agosto e setembro são, naquelas regiões, épocas desfavoráveis à saúde. Estou tendo bastante dificuldade para transferir o Irmão que pretendo enviar-lhe. Está numa escola muito importante que teve várias trocas este ano e algumas ainda recentes. Eu sei que o senhor Pároco faz muita questão do Irmão. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 58, carta n.º 28).

Para tanto, não se pode deixar de registrar que a agilidade e a condução de Champagnat (1999), como liderança, tenham se materializado em estratégias viáveis para ampliação de novos estabelecimentos, tornando-se, a cada tempo, mais conhecido. Em 1835, segundo os registros, o instituto já possui vinte e nove (29) estabelecimentos. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 92, carta n.º 56).

Destaca-se aqui que, à medida que avança o instituto, as condições de acompanhamento também se tornam desafiadoras e essas questões são registradas nas cartas. Como um documento repleto de subjetividade, não é possível precisar o quanto os sentimentos estão presentes, mas um tom de preocupação em vários momentos parece ganhar espaço nas interpretações, como é possível sentir e perceber no trecho da carta n.º 96, quando Champagnat ora argumenta e ora indaga:

Julgamos impossível dar-lhe Irmãos, de imediato. E também não seria prudente enviar somente dois para um estabelecimento tão afastado. Não seria fácil, num caso desses, proporcionar corretivo a certos abusos nem acudir às necessidades que podem sobrevir, tais como doença, incompatibilidade, etc. Nós procuramos evitar esses inconvenientes, conquistando espaços pouco a pouco, gradualmente. O senhor precisaria ter aí pelo menos três Irmãos, a fim de que um pudesse substituir o outro, em caso de necessidade e para que o socorro não se fizesse esperar. (CHAMPAGNAT, 1999, p.141, carta n.º 96).

Assim, formatando alguns critérios que aos poucos vão se tornando regras, o instituto amplia seus negócios, torna-se conhecido e sua proposta passa a ser reconhecida na França. Aqui também se pode notar que Champagnat, à medida que o instituto expande, apresenta um crescimento nos conceitos de gestão e liderança, talvez a criação neste momento de uma liderança acolhida e pouco questionada diante da sabedoria aprendida em cada

tomada de decisão. Saber negociar se torna uma habilidade, e, como já marcado, Champagnat (1999) utiliza em vários momentos a leitura de contexto, afere as condições do instituto e, diante de uma boa posição, impõe as condições. Na carta n.º 100, notam-se certas sutilezas, mas com apropriação de fala de um lugar em destaque.

Agora, pois que o senhor persiste na vontade de ter Irmãos, queira, por favor, dizer-nos em que condições pensa montar o seu estabelecimento: inteiramente gratuito? ou somente em parte? Enfim, que garantias pode oferecer, porque os estabelecimentos com fonte de pagamento garantida passam a prioritários. Se este for o caso, de acordo com sua resposta, poderei dizer-lhe qual é seu lugar na lista de espera. (CHAMPAGNAT, 1999, p.145, carta n.º 100).

Também vale a pena frisar que, além da formação dos irmãos, depois da alocação em cada posto de trabalho, surge uma nova necessidade que é a formação de sucessores, por exemplo, um irmão gestor deve identificar quem poderá, em uma situação emergencial ou de mudança, assumir seu lugar no estabelecimento ou até ser indicado para uma nova escola. Outra situação que aparece diz respeito à identificação de quem poderá se responsabilizar pelos encontros formativos, como se pode visualizar no trecho da carta n.º 3.

Após a saída de Couveille e Terrailon, o Padre Champagnat ficou sendo o único sacerdote, na casa de L'Hermitage. Como precisava ausentar-se frequentemente para visitar as escolas, a fim de completar a formação dos irmãos, a casa L'Hermitage necessitava de um ou dois Padres residentes, que assegurassem o atendimento espiritual dos irmãos. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 30, carta n.º 3)

Ainda pensando em uma estrutura organizacional, percebe-se que a expansão exige uma estrutura hierárquica, e Champagnat, com um perfil que se apresenta como centralizador, aos poucos precisa se reinventar, já que fica impossível visitar todos os lugares, surgindo assim uma figura de irmão visitante ou visitador, o qual será responsável por acompanhar e registrar como cada estabelecimento desenvolve suas atividades. Dessa forma, todos passam a acompanhar, por meios dos registros, os avanços e as dificuldades do instituto em cada período. No trecho retirado da carta n.º11, nota-se o anúncio de tal figura dentro do instituto e alguns relatos sobre as visitas.

Quanto a mim, estou encarregado da visita às escolas, do exame dos meninos que as frequentam, da correspondência, dos ajustes a estabelecer com os municípios, das transferências dos Irmãos, da

aceitação dos noviços que se apresentam; numa palavra, do bom andamento em geral e em particular de todas as fundações. Só posso reservar para a parte material da administração um tempo muito insuficiente, sem poder fazer nada para as escolas que gastam sem critério. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 38, carta n.º 11).

Em 1837, quatorze anos desde a criação do instituto, o número de irmãos chega a 171, mais uns vinte noviços. E, nesse mesmo ano, os irmãos decidem seguir em missão em outros territórios, chegando à Polinésia. (CHAMPAGNAT, 1999, p.126, carta n.º 93).

### 3.2.3 Condições das escolas estruturais e organizacionais: indicações e busca por parcerias

É notório que, em um dado momento, a instituição ganha repercussão na França pelo trabalho em execução e por sua missão com foco na formação e educação religiosa, principalmente em cidades vizinhas da casa mãe, o que corrobora para o aumento da procura por parte das dioceses e prefeituras que gostariam de implantar em seus territórios estabelecimentos com foco em uma educação evangelizadora<sup>7</sup>.

Em algumas solicitações, tem-se um elemento negociador visível, pois se torna uma discussão a partir das exigências do instituto que, com o tempo, estabelece regras para a manutenção das parcerias, como também a concretização de novas. No trecho retirado da carta n.º 134, percebemos que há um posicionamento apontando impossibilidade de atendimento e um esforço em atender à solicitação e, nesse caso, talvez seja possível notar uma decisão a partir de um olhar estratégico quanto ao território e à figura do parceiro.

Eis então o que convém fazer, senhor Pároco: Empregar na construção de um prédio próprio o dinheiro que gastaria no aluguel, ou na confecção do mobiliário destinado aos Irmãos, a fim de que só apareçam em Perreux quando tudo estiver pronto e em condições. Nesse caso, faremos tudo o que depender de nós para que sua escola funcione a contento seu e para alegria de todos os seus bons paroquianos. Proceder diferentemente seria expor-se a todos os pesares, aborrecimentos e atrapalhadas que acompanham e seguem a precipitação naquilo que a gente empreende (CHAMPAGNAT, 1999, p.181, carta n.º 134).

---

<sup>7</sup> A educação Evangelizadora é um dos pilares da proposta Marista e consiste em educar pelo exemplo, do jeito de Maria, repleta de amor e vivência, materializando no cotidiano uma escola em pastoral, de acordo com as Diretrizes da Ação Evangelizadora do Grupo Marista (2014)

Para tanto, a aferição quanto aos fatos apresentados até aqui acerca da criação do instituto e à sua expansão ao longo do tempo, permite pensar que fatores ligados à política e à economia influenciam a todo momento nas decisões a serem tomadas por Champagnat, tendo em vista que o futuro da instituição depende disso, corroborando para recuos e/ou avanços em propostas de ampliação, como também novos estabelecimentos em outros territórios pouco ocupados. A posição de Champagnat (1999), na carta n.º 138, chama a atenção para a condução e o cuidado com as palavras. Uma das percepções está associada à ideia de estratégia de comunicação que garante posicionar-se sem criar desentendimentos, pois pode haver diálogo no futuro, e fechar uma porta será arriscado.

Nosso maior desejo é proporcionar uma instituição sólida e religiosa aos municípios que nos honrarem com um pedido de Irmãos. Mas, neste ano é-nos absolutamente impossível fornecer-lhe Irmãos. Aliás, a esta altura do ano, não haveria tempo de fazer os reparos necessários à instalação de um estabelecimento mantido pelos Irmãos, num vasto município como esse que lhe foi confiado. (CHAMPAGNAT, 1999, p.185, carta n.º 138).

O reconhecimento das condições do instituto e, a partir disso, escolher a forma como tratar toda e qualquer manifestação, seja de continuidade e/ou o estabelecimento de uma nova relação, talvez tenha sido uma diretriz importante nos primórdios. Assim, a cautela e o respeito ganharão espaço e uma vertente formativa, mesmo não sendo sempre utilizados, já que é possível perceber traços de irritabilidade em alguns trechos de cartas destinadas a representantes governamentais.

#### 3.2.4 Condições das escolas estruturais e organizacionais: custo por aluno e autorização de funcionamento

Ao longo de toda a pesquisa tem-se pautado o quanto o instituto necessita de auxílio financeiro para iniciar os trabalhos e depois seguir a missão. Nas cartas, é possível perceber o quanto as questões financeiras sempre estão presentes, desde os custos para a manutenção predial até o investimento no pagamento dos profissionais, como se pode perceber nos trechos da carta n.º 8 (1999).

O montante de mil e duzentos francos já é quantia bastante módica para cobrir os gastos necessários à manutenção de três Irmãos num município. Diminuí-la mais seria, a meu ver, já não digo subtrair-lhes o magro salário atribuído ao trabalho mais ingrato e mais penoso de um cidadão, mas seria até diminuir-lhes a comida, que já é pobre e nada rebuscada. Todos os municípios em que temos três Irmãos estão pagando mil e duzentos francos. É o que fazem Boulieu, Ampuis, Neuville l'Archevêque, Charlieu, Mornant e Saint-Paul-en-Jarret. Podemos, isto sim, para favorecê-lo, colocar o estabelecimento do seu município em pé de igualdade com o de Saint Sauveur, à razão de mil francos para três Irmãos no inverno e dois no verão. Quanto a nós, além da morada, não pedimos senão mil e duzentos francos anuais e mil e quinhentos por uma mobília simples. Essa quantia Bourg-Argental nunca nos deu. Deixo que sua prudência e seu coração generoso julguem se não seria uma crueldade reduzir ainda mais essa quantia. Comunicarei sua carta ao prefeito do Departamento. Ele me prometeu que se interessaria pelos municípios pobres. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 35, carta n.º 8).

A preocupação com as questões financeiras sempre assombra Marcelino, pois, sem recursos, será difícil seguir com a proposta. Com isso, percebe-se que, ao longo das cartas, em várias delas ele tenta argumentar sobre a necessidade das quantias repassadas, aduzindo que, sem o dinheiro ou com sua redução, haverá impacto no atendimento. À medida que as condições melhoram, entretanto, é possível perceber a rigidez com que Champagnat trata do assunto. Por exemplo, no trecho da carta n.º 38 (1999), ele se posiciona quanto à impossibilidade de fundar novos estabelecimentos até que se tenha folga nos recursos (CHAMPAGNAT, 1999, p. 71, carta n.º 38). Isso remete à segurança e à sabedoria quanto ao contexto real para se lançarem novos empreendimentos.

Assim, apesar de o instituto seguir com uma missão para atender os mais necessitados, torna-se impossível não cobrar de todos ou até mesmo mensurar uma pequena contribuição, mesmo de quem não tenha condições, para que os custos sejam cobertos. No trecho da carta n.º 21, pode-se notar o quanto essas questões surgem nos conteúdos apresentados em tais registros.

Tomei todas as providências que devia tomar para conservar uma escola cuja prosperidade aumentara continuamente. Como já tive a honra de lhe comunicar, o Reitor da Universidade havia prometido ajudar-me para obter o reconhecimento oficial do ensino da doutrina cristã para a juventude de Feurs. Pelo desconto que dei, demonstrei-lhe que o nosso empenho de fazer o bem a esses alunos era o objetivo único de nossos sacrifícios. O senhor me fez ver que a cidade não poderia arcar com a despesa de mil e duzentos francos por ano para três Irmãos. Retruquei-lhe que me contentaria com quatrocentos e que, a mais deste favorecimento, todos os alunos pobres receberiam ensino gratuito. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 49, carta n.º 21)

Também se observa que o estilo de escrita acompanha o momento vivido. Se as condições são boas, Champagnat é inflexível em suas diretrizes, mas, quando o cenário não está favorável, a sutileza e o cuidado se tornam sentidos nas palavras e apresentam um espaço para negociação, estabelecendo com os parceiros uma relação, talvez, mais amigável.

Em um dos trechos da carta n.º 105 (1999),

Lemos com muito interesse sua honrosa missiva e foi com muita satisfação que constatamos através da mesma seu interesse pelo bom andamento de seu estabelecimento, onde trabalham nossos Irmãos, em Genas. Longe de entravar o progresso da escola, o que nós queremos de todo coração é contribuir para que aumente. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 149, carta n.º 105).

Frente a muitos conteúdos identificados, um deles se tornara um desafio para o instituto, pois, apesar do início das atividades, o tão esperado documento de autorização de funcionamento não sai com tanta rapidez e no tempo esperado. Percebe-se no trecho da carta n.º 34 (1999), datada de 28 de janeiro de 1834, e endereçada ao rei da França, Louis Philippe, o pedido de permissão para a abertura de um estabelecimento. Nessa carta, Champagnat (1999, n.º 34) faz uso de uma justificativa que é pessoal e da vivência religiosa a qual o impulsionou a pensar em uma instituição com baixo custo para atender meninos da região rural.

No trecho adiante, na carta enviada em 1834 ao rei francês Louis Philippe, percebe-se que o teor do conteúdo nos remete à arguição de que Champagnat (1999) está atento ao processo de solicitação para o funcionamento e que este apresenta um fluxo moroso, necessitando do estabelecimento de contatos frequentes. “O senhor certamente sabe que, para dar a última demão a este despacho importante, é preciso que Sua Majestade Louis Philippe sancione esta autorização, por meio de um Decreto real.” (CHAMPAGNAT, 1999, p. 85, carta n.º 50).

As cartas aqui abordadas revelam em toda a sua repercussão institucional o quanto o fundador se empenha, assumindo a postura de um gestor que provoca, gera reflexão, busca estratégias de continuidade e uma visão de futuro. Monitorar os processos do instituto também é tarefa árdua. O estilo de escrita, carregado de sentimento, faz-se presente numa referência às demandas com o

governo, na carta n.º 57, enviada 1835 ao senhor Jacques-Marie Ardaillon, prefeito de Saint-Chamond e deputado do Loire.

Já se passaram vários meses desde que tive a honra de dirigir-me a V. Excia. por meio de uma carta que dizia respeito à nossa autorização. Não tendo ainda recebido resposta, receio que tal carta não lhe tenha chegado às mãos. Por isso, tomo a liberdade de lhe expor novamente o conteúdo da mesma. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 93, carta n.º 57).

É possível, todavia, perceber que as cartas de n.º 40, n.º 50, n.º 57, n.º 68, n.º 104, n.º 109 e n.º 116 também retomam a necessidade de obter a autorização, pois sem ela outras dificuldades surgirão, tendo em vista que o instituto se encontra em processo de expansão.

Nesse recorte temporal e tendo como base as subcategorias elencadas, podem-se separar dois momentos: o primeiro, em que os membros do instituto buscam notícias do andamento quanto à autorização, e um segundo momento em que suas buscas não evoluem e então pedem ajuda a amigos influentes que possam interceder pelo instituto. Assim, em um espaço de tempo de aproximadamente três anos de insistência, recorrem a pessoas de seu relacionamento, mas com influências que poderão ajudar no andamento do processo. O trecho da carta n.º 116, escrita em 1830 e destinada ao Ir. Antoine permite concluir que a preocupação com a não liberação do documento gera aflição e, compartilhar com outro irmão, talvez ajude Champagnat (1999) a se reconectar e continuar buscando estratégias para acelerar o processo. O desabafo diz: “Fizemos nova tentativa para conseguir a nossa autorização; quem sabe surta bom efeito. Seja tudo segundo a vontade de Deus e para a sua maior glória!” (CHAMPAGNAT, 1999, p.162, carta n.º 116).

O processo de autorização de funcionamento exige do instituto muita paciência e perseverança. O ato de autorização só é publicado em 20 de junho de 1851, e, nessa data, o instituto conta com mais de 48 escolas, 280 irmãos formados e 7 mil alunos e atua em parceria com outras instituições intermediadas pelos párocos e prefeitos. Percebe-se que a preocupação diante do cenário de expansão se tornara um desafio. Tendo em vista o não reconhecimento e autorização aprovados anteriormente, as súplicas também aparecerão nos conteúdos das cartas n.º 75, n.º 83 e n.º 90. Nesse último registro, escrito em 1837, destinado a Dom Alexandre Raymund Devié, é possível sentir um certo

desespero, pois já se passaram muitos anos e nada ocorrera. A sensação transmitida é quase de uma súplica pelo apoio e intervenção.

Continuamos imaginando que nossos documentos estão nas mãos do senhor Delbèque, secretário geral do Ministério da Instrução Pública. Nunca nos disseram que fosse preciso conseguir uma nova lei para a nossa autorização. Na época em que foi destronado Carlos X, tudo estava pronto e os trâmites cumpridos, só faltando que o Rei assinasse o Decreto, mas os acontecimentos foram empecilho. (CHAMPAGNAT, 1999, p.134, carta n.º 90).

Os anúncios em cada carta trazem consigo sentimentos que parecem oscilar da tranquilidade ao nervosismo, buscando por conta própria acompanhar o andamento do processo, como também pedir auxílios, mas também momentos de desabafo como presente na carta n.º 175 (1999), quando a expressão de incômodo é expressa por Champagnat na frase: “Meu Deus, que vagareza, que demora enorme!. Como custa andar correndo de uma repartição para outra. Ainda não é tempo de eu me ocupar com isso”. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 235, carta n.º 175).

Considera-se aqui que ficam evidentes nas cartas os esforços para manter o instituto com uma saúde financeira, uma proposta adequada à missão já definida e a legalidade, exigindo do fundador muita dedicação e persistência, pois em alguns momentos fica visível nos conteúdos da escrita que o controle que Marcelino sempre buscara ter não é absoluto e permanente, sofrendo interferência de elementos externos o tempo todo, por exemplo como controlar a saída dos irmãos para o serviço militar. Na carta de n.º 95 (1999) Champagnat diz: “Temos de novo, neste ano, alguns membros que nos preocupam por causa da convocação para o serviço militar. Nossas negociações em Paris ainda não terminaram. Esperamos que cheguem a bom termo e que, enfim obtenhamos o Decreto”. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 139, carta n.º 95).

Assim, os fatores externos se encontram diretamente ligados ao relacionamento com os órgãos governamentais, o que trava a expansão que está em planejamento.

Adiante se entrará em mais uma subcategoria abstraída dos conteúdos encontrados que corrobora para a expansão do instituto e também para o fortalecimento da instituição no campo educacional em que a vivência cotidiana

gera reflexões e insumos para as tomadas de decisões que emergem no contexto institucional.

### 3.2.5 Condições das escolas estruturais e organizacionais: acompanhamento e avaliação dos processos das escolas

Acompanhar os passos do instituto sempre foi uma premissa de Marcelino, mas, com o passar dos anos, conhecer cada detalhe pelo seu olhar torna-se uma tarefa impossível. Sua necessidade em saber e controlar todos os movimentos dos processos em execução garante a implantação de um fluxo pautado em relatórios em que os irmãos denominados por ele como visitantes prestem informações acerca de cada estabelecimento visitado. Isso pode ter garantido um olhar apurado para os resultados, bons ou ruins, pois as vivências se tornam fontes de estudos para traçar novas rotas, corrigindo as falhas, como também utilizar os exemplos para publicizar e assim aproximar novos adeptos a proposta.

Percebe-se que há sabedoria canalizada por meio do pensamento construído pelo fundador, em que a experiência lhes ensina mais uma vez em que se comete um erro palmar. De acordo com os registros presentes na carta n.º 39 (1999), Champagnat diz:

Na última visita que fiz, constatei surpreso que o estabelecimento está com falta das coisas mais necessárias, seja no tocante ao espaço ocupado pelos alunos, seja na parte reservada aos Irmãos; seja quanto ao mobiliário, seja quanto ao pagamento, que não está em dia: embora mínimo, não foi pago integralmente no primeiro ano. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 72, carta n.º 39).

Nos trechos da carta n.º 109 é possível perceber alguns anúncios quanto aos registros avaliativos que garantem uma autopublicidade e isso é parte de conteúdos que aparecem em outras cartas. A leitura promove, no pesquisar, a capacidade de sentir em alguns trechos sensações ora de leveza, ora angustiante, ora de irritação, por vezes associadas a processos atingidos e/ou inconclusos.

Temos a consolação de ver que nossos estabelecimentos vão melhorando. São atualmente em número de 33. Vários estão para começar no ano que vem, e não podemos fugir às pressões reiteradas que nos chegam de toda parte, pedindo Irmãos. Seria com prazer que

mandaríamos alguns à América para auxiliar o trabalho dos Padres Missionários, se isso nos fosse possível. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 155, carta n.º 109).

Assim, é preciso admitir que, de fato, os passos guiados pelo fundador quanto à implantação do instituto e à sua solidificação ao longo dos tempos, utilizando ferramentas de gestão, mesmo desconhecidas por ele, dão tonalidade a um líder nato que consegue reunir um número expressivo de seguidores e adeptos dos valores maristas pregados desde o princípio. Esses valores dão sustentação para todas as regras que, aos poucos, vão compondo o estatuto da congregação que, na sua primeira versão, possui cinco (5) artigos focalizados nas condições mínimas exigidas para a realização do atendimento pela instituição.

Art. 1. Os Irmãozinhos de Maria terão como finalidade ministrar a instrução primária: além da instrução moral e religiosa, ensinarão a leitura, a escrita, os elementos da gramática francesa, o cálculo e o sistema legal de pesos e medidas, os elementos da geometria, o desenho linear, o canto e os elementos de História e Geografia. Seguirão para o ensino a nova pronúncia e o método simultâneo mútuo.

Art. 2. Serão mandados Irmãos aos municípios que os solicitarem e que garantirem a cada Irmão uma remuneração anual de 400 francos. Embora não devam geralmente ir menos de dois, poder-se-á erigir uma casa central de onde se dirigirão, um a um, para os municípios próximos.

Art. 3. As escolas serão gratuitas, mas as prefeituras poderão cobrar uma taxa mensal dos pais remediados para cobrir uma parte dos gastos do estabelecimento.

Art. 4. Cada estabelecimento será dirigido por um diretor local que ficará no cargo o tempo que o Superior julgar conveniente. Não poderá, entretanto, ser afastado antes da posse de seu sucessor.

Art. 5. Todos os estabelecimentos dependentes da Associação estarão sujeitos à inspeção de pessoas designadas para a fiscalização pela Instrução Pública. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 209, carta n.º 159).

Tais regras, pode-se dizer que garantem as implantações sem que o fundador perca o controle e seja questionado por situações divergentes e/ou não aplicadas de forma igualitária em cada município ocupado. Entende-se que o perfil de liderança aplicado aqui formata uma instituição hierárquica e tradicional quanto aos processos de gestão de pessoas, infraestrutura e formação.

Nota-se também que o processo constante de avaliação quanto ao andamento do instituto é decisório, atrelado com outros fatores, para a

exploração por outros territórios para além da França. No trecho da carta n.º 175 (1999), há um anúncio de enviar irmãos em missão quando Champagnat diz:

Promessas de novos estabelecimentos? Já fizemos até demais. Primeiro tratemos de conseguir nossa autorização, e depois veremos o que poderemos prometer. Estou com receio de estarmos obrigados - caso consigamos a autorização - a mandar vários membros para a África; é o que nos está pedindo um dos membros do Conselho de Estado. Não preciso nem lhe dizer qual a resposta que dou a ele, cada vez. (CHAMPAGNAT, 1999, p. 236, carta n.º 175).

Nesta construção histórica, não se pode negar que os processos, principalmente os comunicativos, dão sustentação e reconhecimento à proposta Marista e ao visionário Marcelino Champagnat, que conduz até seus últimos dias um sonho que vira realidade e impacta muitos jovens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Marcelino Champagnat é exemplo vivo de uma proposta pedagógica que possui pilares em uma educação humanizadora, que tem se reinventado ao longo da história sem perder sua essência, constituindo um legado de mais de 200 anos atuando na educação.

A pesquisa possibilitou um aprofundamento em questões elementares que permearam a constituição do instituto desde os primórdios, trazendo para o centro o instrumento carta, um registro que está imerso nas subjetividades e permitiu, a partir da minha vivência como pesquisadora, cruzar olhares com um tempo não vivido. Ao total foram 339 lidas, relidas, sentidas, imaginadas, cartas enviadas por Marcelino Champagnat, no período compreendido entre 1823 e 1840.

O objeto aqui explorado centra a atenção para os conteúdos conectados com o anúncio referente à organização das escolas e às instruções para os irmãos das escolas maristas, visando determinar sua influência na criação e formação desses espaços na comunidade.

O compilado de cartas de que trata essa pesquisa traz em seu bojo questões elementares para a expansão e consolidação do Instituto Marista no mundo, pautado em seus princípios e valores. No decorrer de suas cartas, além dos ensinamentos, Marcelino Champagnat consegue expressar todo o carinho e o cuidado que tem pelos irmãos que continuam os trabalhos, em especial o de educar as crianças e jovens sem condições de estudar, que, oportunamente, graças aos irmãos maristas, estavam firmes na missão de educar. Nessas cartas é possível encontrar textos com fontes, plenos de sentimentos, desejos, ensinamentos, solicitações, reivindicações e desabafos; sendo reconhecidas pelo Instituto Marista como um documento com afeto.

As contribuições de Bardin (2015) foram de suma importância para o processo de análise, principalmente na elaboração de categorias, por possibilitarem um trabalho a partir de um fio condutor definido e materializado.

Os registros apontam para uma liderança fiel, forte e marcante. Um gestor imponente, que prima pela ordem, pela condução efetiva e garante a implantação de um sonho mesmo diante de condições desfavoráveis, mas descobre oportunidades, cria estratégias e ocupa lugares longínquos a partir de

uma proposta educativa ancorada na formação humana e anunciadora de valores cristãos. Consegue conectar pessoas que acreditam em uma educação que transforma vidas por meio do exemplo e das atitudes, uma postura educadora para além dos tempos. Assim, muitos jovens atendem ao chamado e se tornam irmãos que acreditam na missão evangelizadora. São eles que, após a morte de Champagnat, podem seguir adiante. Pode-se dizer que se está metaforicamente referindo a uma semente plantada que germinou inúmeras vezes, gerando novas sementes cujos frutos puderam amadurecer, independentemente do tempo.

Vale destacar que é encontrado nas cartas um estilo marcante que se materializa no perfil marista de fazer educação. Na época, o método assumido e utilizado é o ensino simultâneo, por entenderem que é o mais apropriado, ou seja, seus resultados promovem avanços significativos para crianças e jovens que não sabem ler e escrever, tendo sempre em pauta as escolas voltadas para o meio rural, desenvolvendo o trabalho focado nas comunidades que muitas vezes se encontram em uma condição de esquecimento. Percebe-se nas cartas que o fluxo que se constituiu ao longo dos primeiros trinta anos para a implantação dos primeiros estabelecimentos e, em continuidade, suas expansões, conta com um esforço, principalmente do fundador, para garantir as melhores condições de funcionamento, um exercício carregado de persistência, equilíbrio emocional e planos estratégicos, dando magnitude para o que se conhece hoje.

Dentre todas as dificuldades anunciadas nas cartas, escolhe-se uma que talvez esteja presente em quase todos os registros, a autorização de funcionamento, que, em seu tocante, exige, de Champagnat, sabedoria, paciência e atenção aos relacionamentos. Aqui se tem a sensação transmitida pela escrita de alguns momentos desesperadores e sem estratégias efetivas, pois a ação depende de outros sujeitos.

No cenário atual, pensar em uma educação que extrapola as barreiras da proficiência e compreende o sujeito nas suas múltiplas dimensões (espiritual, afetiva, cognitiva, social, motora e tantas outras), tendo na sua essência o foco na formação humana, dialoga com os ideais de Champagnat, exemplo que foi e continua sendo de ser humano – preocupado com o seu semelhante e com o bem comum para com os menos favorecidos, tornando assim a opção do

instituto de trabalhar com os empobrecidos, constituindo como lema a frase “para bem educar é necessário amar”. (MISSÃO, 2003, p.49).

O anúncio que emerge e se espalha dá a tonalidade existencial a essa obra cujo foco esteve o tempo todo nas crianças e adolescentes empobrecidas, mas, para que esse foco continue, é necessário construir práticas de atendimentos a públicos distantes destes. Assim, surgem no ano de 1817 os primeiros estabelecimentos em uma perspectiva que contempla não só o gratuito, mas também os pagantes.

Entende-se que o Instituto Marista, desde a sua criação, tem sido fonte de inspiração de uma educação que olha para as crianças e os jovens, e busca responder a uma necessidade de formação humana, impactando em projetos de vida de alunos e colaboradores que iniciam sua atuação e são formados pelas práticas cotidianas para dar uma resposta às necessidades e aos clamores de um mundo com tantas desigualdades sociais e culturais.

Na data da elaboração desta dissertação, o Instituto está presente em 79 países, contando com 51 mil irmãos e leigos, e 500 mil crianças e jovens desenvolvendo uma formação cidadã e cristã. Dessa forma, comprova que Marcelino Champagnat é um visionário no âmbito da educação. Não seria diferente, pois está em seu interior o olhar de gestor com suas ações humanísticas à expansão do Instituto Marista.

Na tessitura desta dissertação, aponta-se para um trabalho que, dentro das suas intencionalidades, cumpre um papel importante, demarcar uma possibilidade de continuidade, entendendo que não se encerra o estudo, pois, as fontes encontradas dão margem para outros trabalhos, referentes ao universo de documentos ainda não analisados nos arquivos do Memorial Marista e na Casa Provincial na cidade de Curitiba.

Como pesquisadora, conclui-se um dos meus sonhos, finalizar uma pesquisa de mestrado, mesmo dentro das minhas limitações, e ampliar os conhecimentos acerca de uma história que esteve e está presente na minha constituição profissional.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Entre cartas e memórias: preceptoras europeias no Brasil do século XIX**. Orientador: ARAS, Lina Maria Brand, 2013. 193 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Portugal: Edição 70, 2015.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Laços de Papel. *In*: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 5-9.

BIBLIOTECA Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind>. Acesso em: 19 set. 2018.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Carta adolescentes: uma leitura e modos de ser. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228.

CELLARD, André. **A análise documental**. *In*: POUPART, J. *et al.* A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

CHAMPAGNAT, Marcelino. **Cartas de Marcelino Champagnat**. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita. **No vai e vem das cartas: a arte de governar da política colonial setecentista lusa através da epistolografia**. Orientador: FLORES, Maria Bernardete Ramos. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CONTER, Clarice da Silva. **A prática das assembleias de classe em uma escola da rede marista e sua relevância na concepção da educação integral**. 2018. 141 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Porto Alegre, 2018.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (década de 60 a 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, 115-142, jul./dez. 2013.

DIRETRIZES da ação evangelizadora do grupo Marista. 2.ed., São Paulo: FTD, 2014.

ESTAÚN, Antônio Martinez (org.). **Água da rocha**: espiritualidade Marista: fluindo da tradição de Marcelino Champagnat. Guarulhos: FTD, 2007.

ETGES, Adelmo Germano. **A pessoa do gestor e do educador leigo como estimuladores da proposta educativa marista no RS**: do empenho original do fundador, Marcelino Champagnat, aos desafios do século XXI. Orientador: STOBÄUS, Claus Dieter. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

FIGUEIRA, Felipe Luiz Gomes; BARBOZA, Marcos Ayres. Instituições Escolares: o Colégio Marista de Cascavel. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 17, n. 4 (47), p. 290-297, out./dez. 2017.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FURET, Jean-Baptiste. **Vida de São Marcelino José Bento Champagnat**. São Paulo: Loyola: Simar, 1999.

FURET, Alain. **Revolução em debate**. Tradução de Regina Célia Bicalho Pratis e Silva. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

GIUSTO, Luis DI. **História do Instituto dos irmãos Maristas**. São Paulo: FTD, 2007.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.). **A escrita de si**: escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-26.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada, 4**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 18-46.

INSTITUTO dos Irmãos Maristas. Disponível em: <http://www.champagnat.org>. Acesso em: 27 out. 2017.

LANFREY, André. **História do Instituto dos Irmãos Maristas, Tomo 1**: da aldeia de Marlies à expansão mundial (1789-1907). Trad. I. M. Reckziegel. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas - Casa Geral, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História & memória**. 7. ed. São Paulo: Unicamp, 2013.

LESSAGE, Pierre. A pedagogia nas escolas mútuas do século XIX. *In*: BASTOS, Maria Helena C.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.) **A escola elementar no século XIX: o método monitorial/ mútuo**. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p.211-213.

LUDKE Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 195-221.

MANACORDA, Mario A. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. Trad. Galeano L. Mônaco. São Paulo: Cortez, 1989.

MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. Reflexão sobre a escrita epistolar com fontes históricas a partir da contribuição da teoria da literatura. **R. Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, p. 61-72, 2011.

MENTGES, Manuir José. **Autoformação do ser gestor marista preconizada à luz do projeto educativo do Brasil Marista**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MICHEL, GÉNARD. **Champagnat en su contexto histórico, religioso y espiritualidad**. Asunción: Imprenta Salesiana, 1995.

MISSÃO Educativa Marista: um projeto para nosso tempo. 3. ed. Tradução de Manuel Alves e Ricardo Tescarolo. São Paulo: SIMAR, 2003.

PEREIRA, Marcos Aurélio. **Diálogos com mnemósine: memórias das práticas educativas no Colégio Marista Santa Maria - 1969/1976**. Orientador: VECHIA, Ariclê. 2012. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2012.

PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POGGIANI, Ana Maria Lourenço. **Os museus escolares na primeira metade do século XX: sua importância na educação brasileira**. Orientador: PEREIRA, Maria Aparecida Franco. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Mestrado em Educação, Universidade Católica de Santos, Santos, 2011.

SANTOS, Almir Grigorio dos. **A educação jesuítica nas cartas de Anchieta: ensino da leitura e da escrita no Brasil do século XVI**. Orientador:

FAVERO, Leonor Lopes. 2018. 295 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SIENNA, Ernesto Lázaro. **A pedagogia social do padre Marcelino Champagnat e a educação Marista**. Orientador: MINCATO, Ramiro. 2018. Tese (Doutorado em Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018. p. 01- 183.

SILVA, Simone Martins da. **A avaliação em larga escala na rede de colégios maristas** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2015. p. 01-118.

SOBOUL, Albert. **História da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. A História Cultural e as fontes de pesquisa. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 15. n. 61, p. 367-378, 2015. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640533>.  
Acesso em: 14 abr. 2018.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. A Pedagogia marista na educação superior. In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Champagnat - Editora PUCPR, 2011. v. 01. p. 4069-4079. Disponível em: <https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2017/01/a-pedagogia-marista-na-educacao-superior.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, set./out./nov./dez. 1995.

## CARTAS CITADAS:

CHAMPAGNAT, Marcelino. 3 – Ao Padre Philibert Gardette, Superior do Seminário Maior de Lião. Maio de 1827. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.30. Carta n.º 3.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 8 – Ao senhor Alexandre Denis Devaux De Pleyné, prefeito de Bourg-Argental, Loire. final de 1827. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 35. Carta n.º 8.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 9 – A Dom Gaston De Pins, Administrador Apostólico de Lião, Rhône. Quaresma de 1835. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 92. Carta n.º 9.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 11 – Ao Padre Simon Cattet, Vigário Geral de Lião. 18 de dezembro de 1828. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 38. Carta n.º 11.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 21 – Ao senhor Jean-Baptiste Mondon, prefeito de Feurs, Loire. Abril de 1831. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 49. Carta n.º 21.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 22 – Ao senhor Jean Baptiste Antoine Merlat, prefeito de Saint-Symphorien-le-Château, Rhône. abril de 1831. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 50-51. Carta n.º 22.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 25 – A Madre Saint-Joseph, Superiora das Irmãs Maristas. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 55. Carta n.º 25.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 28 – A Dom Alexandre Raymond Devie, bispo de Belley, julho de 1833. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 58. Carta n.º 28.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 30 – Ao Padre Cholleton, Vigário Geral de Lião. Agosto/setembro de 1833. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 60-61. Carta n.º 30.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 34 – Carta a Louis-Philippe, Rei dos Franceses. 28 de janeiro de 1834. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat.* Trad. Ir. Sulpício

José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 66-67. Carta n.º 34.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 37 – Ao Padre Barthélemy Caumette, Coadjutor de Mèze, Hérault. janeiro/fevereiro de 1834. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 70. Carta n.º 37.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 38 – Ao Padre Ferréol Douillet, La Côte Saint-André, Isère. Princípios de 1834. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 71. Carta n.º 38.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 40 – Ao senhor Jacques Ardaillon, prefeito de Saint-Chamond, Loire. 14 de abril de 1834. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 73. Carta n.º 40.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 43 – Ao Vigário Geral, Padre Cholleton. 8 de setembro de 1834. (Duas versões, uma depois da outra). In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 79-80. Carta n.º 43.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 50 – Ao Senhor Jacques-Marie Ardaillon, deputado, prefeito de Saint-Chamond, Loire. outono de 1834. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 85. Carta n.º 50.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 53 – Ao Irmão Antoine, Diretor em Millery, Rhône. 9 de janeiro de 1835. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 88. Carta n.º 53.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 56 – A Dom Gaston De Pins, Administrador Apostólico de Lião, Rhône. Quaresma de 1835. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 92. Carta n.º 56.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 57 – Ao senhor Jacques-Marie Ardaillon, prefeito de Saint-Chamond e deputado do Loire. 30 de abril de 1835. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 93. Carta n.º 57.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 60 – Ao Padre François Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã e Pároco de Saint-Paul-Trois-Châteaux, Drôme. Começo de julho de 1835. In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 96. Carta n.º 60.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 68 – A sua Majestade Louis-Philippe, Rei dos Franceses. Agosto de 1836? In: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir.

Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.108. Carta n.º 68.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 70 – Ao Padre Ferreol Douillet, La Côte-Saint-André, Isère. outubro de 1836. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 110-111. Carta n.º 70.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 75 – A Dom Alexandre Raymond Devie, bispo de Belley, Ain. Dezembro de 1836. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 116. Carta n.º 75.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 83 – Ao Padre Jean-Antoine Dubois, Superior do Seminário das Missões Estrangeiras, Paris. 12 de janeiro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 126. Carta n.º 83.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 90 – A Dom Alexandre Raymond Devie, bispo de Belley, Ain. Meados de fevereiro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 133. Carta n.º 90.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 92 – Ao senhor Claude Terrion, prefeito de Semur-en-Brionnais, Saône-et-Loire. 12 de fevereiro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.135-136. Carta n.º 92.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 93 – A Dom Philibert De Bruillard, bispo de Grenoble, Isère. 15 de fevereiro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 136. Carta n.º 93.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 95 – Ao Padre François Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã, Saint-Paul-Trois-Châteaux, Drôme. 23 de fevereiro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 138-139. Carta n.º 95.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 96 – Ao Padre Jean-Pierre Combe, Pároco de Ganges. 26 de fevereiro de 1837.. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 140. Carta n.º 96.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 97 – Ao Padre Claude Marie Page, Pároco de Digoïn, Saône-et-Loire.1.º de março de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.141. Carta n.º 97.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 100 – Ao Padre Touzet, Aigueperse, Puy de Dôme. 14 de março de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício

José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 144. Carta n.º 100.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 103 – Ao Padre R. P. Rigaud, S.J., Superior de La Louvesc, Ardèche. 21 de março de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 147. Carta n.º 103.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 104 – Ao senhor Michel Ginot, comerciante em Paris, rua St. Denis, 115. março de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 148. Carta n.º 104.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 105 – Ao senhor François Xavier Quantin, prefeito de Genas, Isère. 11 de abril de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 149. Carta n.º 105.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 106 – Ao Padre François Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã, Saint-Paul-Trois-Châteaux. 24 de abril de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.150. Carta n.º 106.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 109 – Ao Padre Jacques Fontbonne, missionário em Saint-Louis, Estados Unidos da América. 16 de maio de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 153 -154. Carta n.º 109.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 113 – Ao senhor Conde Antoine Nicolas DE Salvandy, Ministro da Instrução Pública. Junho de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 158. Carta n.º 113.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 124 – Ao Padre Simon Cattet, Vigário Geral, Lião. fins de julho de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 169. Carta n.º 124.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 125 – Ao Padre François Bois, Pároco de Saint-Symphorine-D'Ozon, Isère. julho de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.170. Carta n.º 125.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 131 – Ao senhor Charles Julien Tripier, Curis-au-Mont-d'Or, Rhône. 9 de agosto de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 176. Carta n.º 131.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 132 - Circular aos Irmãos 12 de agosto de 1837. *In: CARTAS* de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu

Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 177. Circular 132.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 134 – Ao Padre François Fleury Moine, Pároco de Perreux, Loire. 2 de setembro de 1837. 24 de setembro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 179. Carta n.º 134.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 136 – Ao Padre Jean François Régis Peala, Pároco de Tence, Haute-Loire. 24 de setembro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 181. Carta n.º 136.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 138 – Ao Padre Michel Marie Dutour, Pároco de Amplepuis, Drôme. 25 de setembro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 183. Carta n.º 138.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 140 – Ao senhor Jean Aimé Jovin Deshayes, prefeito de Saint-Jean-de-Bonnefonds, Loire. 26 de setembro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 185. Carta n.º 140.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 144 – Ao Padre Jean Pierre Clair Fanget, Pároco de Serrières, Ardèche. 19 de outubro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 189. Carta n.º 144.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 145 – Ao senhor Hippolyte Jayr, Prefeito do Departamento do Loire. 29 de outubro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.190. Carta n.º 145.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 148 – Aos Padres Pierre Antoine Dumas e Barthélemy Artru, Párcos de Boulieu e Peagres, respectivamente. 30 de outubro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 193-194. Carta n.º 148.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 152 – Ao Padre Jean Gaguin, Pároco de Saint Gengoux-le-Royal, Saône-et-Loire. 1.º de novembro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 199. Carta n.º 152.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 159 – Ao senhor Antoine Nicolas Narcise Achille De Salvandy, Ministro da Instrução Pública. 27 de novembro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 206-207. Carta n.º 159.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 164 – Circular aos Irmãos. 12 de dezembro de 1837. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu

Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 213-214. Carta n.º 164.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 168 – Ao Irmão Denis, Diretor de Saint-Didier-sur-Rochefort, Loire. 5 de janeiro de 1838. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 219-220. Circular n.º 168.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 172 – Ao Irmão François, em L'Hermitage. 4 de fevereiro de 1838. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 227-228. Carta n.º 172.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 173 – Ao senhor Antoine Nicolas De Salvandy, Ministro da Instrução Pública, Paris. 14 fevereiro de 1838. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 229- 230. Carta n.º 173.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 175 – Ao Irmão François, em L'Hermitage. 7 de março de 1838. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.234-235. Carta n.º 175.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 210 – Circular aos Irmãos. 21 de agosto de 1838. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. *In*. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 283. Carta n.º 210.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 206 – Ao Padre Claude Merlin, Pároco de Saint-Geoire, Isère.10-13 de agosto de 1838. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 279. Carta n.º 206.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 287 – Ao Padre Joseph Beneton, Pároco de Perreux, Loire. 5 de outubro de 1839. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 366. Carta n.º 287.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 297 – Ao Padre André Berthier, Vigário Geral de Grenoble, Isère. 19 de novembro de 1839. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p.376. Carta n.º 297.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 305 – A Dom Alexandre Raymond Devie, bispo de Belley, Ain. 3 de dezembro de 1839. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 384-385. Carta n.º 305.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 315 – Ao Padre Gire, Pároco de Saint-Privat-d'Allier, Haute-Loire. 21 de janeiro de 1840. *In*: CARTAS de Marcelino Champagnat. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 400. Carta n.º 315.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 319 – A Dom Hughes Robert Jean-Charles De Latour D'auvergne, bispo de Arras, Pas-de-Calais. 11 de fevereiro de 1840. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat*. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 405-406. Carta n.º 319.

CHAMPAGNAT, Marcelino. 335 – Ao Padre Jean-François Régis Peala, Pároco de Tence, Haute-Loire. Abril de 1840. *In: CARTAS de Marcelino Champagnat*. Trad. Ir. Sulpício José e Ir. Ireneu Martim. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999. p. 423-424. Carta n.º 335.